



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*TRAJECTÓRIAS DE EXCLUSÃO SOCIAL EM
MULHERES SEM-ABRIGO: UM ESTUDO DE CASO*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Ana Filipa Costa Machado

Trabalho efectuado sob a orientação de

Doutora Raquel Matos

Porto, Julho 2012

Resumo

O presente estudo pretende contribuir para a compreensão das trajetórias de exclusão social de mulheres sem-abrigo. Atendendo à dificuldade de acesso a esta população, e à decorrente escassez de estudos sobre a experiência das mulheres sem-abrigo, optou-se por levar a cabo um estudo de caso único, que nos permitisse a exploração aprofundada das significações associadas a uma experiência da condição de sem-abrigo no feminino. Os principais resultados deste estudo referem-se à existência de factores heterogéneos que podem conduzir uma pessoa a viver na rua, ao facto de o contexto de rua poder ter significados positivos e no que respeita à vivência feminina e masculina, os resultados apontam para factores semelhantes mas com significações divergentes.

Abstract

The present study aims to contribute to the understanding of the social exclusion trajectories of homeless women. Given the difficult access to this population and the lack of studies on that matter, we decided to study a single case, which allows an in-depth exploration of the meanings related to an experience of homeless women's condition. The main results of this study demonstrated that the existence of heterogeneous factors could lead a person living in the street. The street's context may have positive meanings and, with regard to the women and men experiences, the results points to similar factors but with different meanings.

Agradecimentos

A concretização deste trabalho não seria possível sem o apoio de diversas pessoas que foram contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional ao longo da minha vida e percurso académico.

Gostaria de começar por exprimir os meus sinceros agradecimentos à professora e orientadora Mariana Barbosa pela sua atenção, reforço positivo, confiança, compreensão, disponibilidade e apoio incessante ao longo deste trabalho.

À Universidade Católica e a todos os Docentes que contribuíram para o meu crescimento a todos os níveis. Obrigada.

À Dra. Carla por toda a atenção e por todas as palavras de incentivo.

À minha avó por todo o amor, preocupação e por nunca ter desistido de mim.

À irmã Palmira por todos os momentos de luta, compreensão, dedicação e confronto que me tornaram a pessoa que sou hoje. Obrigada por me ajudar a crescer e inspirar para continuar a lutar pelos meus sonhos e objectivos mas sobretudo por ter acreditado em mim e motivado para eu também me acreditar. Muito obrigada por nunca ter desistido de mim mesmo quando lhe dei motivos para tal. É principalmente a si que dedico este trabalho.

Ao Alberto e em especial à minha Madrinha por toda a força e confiança depositada em mim que apesar de nem sempre eu demonstrar o afecto que merecem, me apoiaram de forma gratuita. Obrigada por toda a dedicação e por nunca terem desistido de mim, são pilares muito importantes para mim.

Ao Luís, meu companheiro de vida, pelo apoio incondicional e por nunca me deixar desistir dos meus objectivos. Obrigada pela tua dedicação. Sabes bem o que significas para mim.

À Maria que me permitiu aceder ao seu mundo particular e me concedeu a realização deste trabalho. Obrigada.

Índice

1. Introdução	5
2. Enquadramento Teórico	6
2.1.A exclusão social.....	6
2.2.A exclusão social no feminino.....	9
2.3.A população sem-abrigo.....	11
2.4.Definição de sem-abrigo.....	11
2.5.Intervenção com a população sem-abrigo.....	15
2.6.Ser mulher sem-abrigo.....	18
2.7.Experiência de mulheres sem-abrigo.....	21
3.Objectivos do estudo	22
4.Método	23
4.1. Introdução.....	23
4.2. Questões de Investigação.....	23
4.3. Instrumentos.....	24
4.4. Procedimentos.....	25
5.Apresentação de resultados	26
6.Análise e discussão de resultados	38
7.Conclusões	44
8.Referências bibliográficas	51
9.Anexos	55

1. Introdução

Numa época de forte instabilidade económica e financeira no nosso país, abordar o tema da exclusão social não poderia ser mais actual e pertinente. Perante a conjuntura económica que se vive actualmente e as carências consequentes a todos os níveis, esta temática tem adquirido um especial interesse nos meios de comunicação social e nos meios institucionais. Uma vez que o número de pessoas a viver na rua tem vindo a crescer, as instituições demonstram interesse em tentar perceber o que tem contribuído para que este fenómeno esteja a aumentar de proporção (Jesus & Menezes, 2010). Ser sem-abrigo significa viver numa profunda escassez de recursos essenciais, como a alimentação, a habitação e os afectos. Este processo de exclusão social pode ser muitas vezes reforçado pelo facto de as pessoas sem-abrigo serem alvo de preconceitos e serem rotuladas de forma negativa, podendo levar a que a sua condição seja ainda mais depreciativa pela sociedade (Coryn & Borshuk, 2006 cit. Walsh *et al.*, 2009). A condição de sem-abrigo é um grave problema social, que tanto afecta pessoas do sexo masculino como do sexo feminino. Apesar da existência de factores comuns a ambos os sexos, a literatura tem vindo a apontar algumas diferenças de género (Arangua *et al.*, 2005; Bento & Barreto 2002; Martins, 2007). Apesar dos crescentes estudos realizados com este público-alvo (Jesus & Menezes, 2010), os estudos em que se aborde o diferencial de género e a experiência inerente à condição de sem-abrigo são ainda bastante escassos em Portugal. A presente investigação pretende aprofundar e contribuir para um maior conhecimento acerca da experiência de mulheres sem-abrigo, tentando compreender os factores que podem contribuir para a sua origem e as significações atribuídas à sua condição, procurando perceber se as mulheres apresentam características e comportamentos distintos dos homens (Martins, 2007).

No que concerne à estrutura da presente dissertação, esta começa por apresentar um enquadramento teórico a fim de consolidar o nosso objecto de estudo, abordando assim, a conceptualização da exclusão social no geral e a exclusão social no feminino. Seguidamente, aborda-se o conceito de sem-abrigo no geral e nas mulheres em particular, apresentando um conjunto de dinâmicas que caracterizam esta população, finalizando com diferentes abordagens teóricas acerca da experiência de mulheres sem-abrigo.

De seguida, apresenta-se o método onde são referidos os objectivos do nosso estudo, a metodologia utilizada para responder a esses objectivos, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a recolha e tratamento dos dados.

Por fim, apresentam-se os resultados e a sua discussão, finalizando com uma reflexão acerca das principais limitações do estudo e de possíveis sugestões para futuras investigações.

2. Enquadramento Teórico

A exclusão social

O conceito de exclusão social deve ser definido e caracterizado de forma ampla (Christian & Abrams, 2007 cit. Ward, 2009), sobretudo, deve ser entendido como uma oportunidade de reflexão para atender à pluralidade de factores que podem conduzir uma pessoa a não participar activamente na sociedade, podendo tornar-se excluída e ver os seus direitos desrespeitados (Ruth Lister, 1999 cit. Ward, 2009). O conceito, tal como hoje se conhece, surge pela primeira vez nos anos 60 abarcando a dificuldade dos indivíduos se adaptarem socialmente (Paugam 1996 cit. Bento & Barreto, 2002). Actualmente, o conceito é mais abrangente e multifacetado, remetendo-nos para um processo que pode ter múltiplas causas, entre elas a pobreza (Bento & Barreto, 2002). O conceito de pobreza está intimamente relacionado com o termo exclusão social, porém, apesar de serem conceitos distintos, são muitas vezes confundidos e erroneamente usados como sinónimos. Geralmente, a pobreza pode levar à exclusão porque remete para uma situação de falta de recursos (por exemplo: baixo grau de escolaridade, problemas de saúde e desemprego), que provoca más condições de vida, podendo potenciar a exclusão (Bento & Barreto, 2002; Silva, *et al.*, 1989 cit. Martins, 2007). Todavia, a exclusão social abrange mais do que a pobreza. Em 1974, René Lenoir publicou uma obra intitulada “*Les Exclus*”, que teve bastante influência na conceptualização do fenómeno da exclusão social (Estivill, 2003), contudo, ainda é um tema bastante controverso, porque se por um lado a pobreza está muito associada ao conceito de exclusão social, por outro lado, este fenómeno é muito mais do que a

ausência de recursos económicos pois pode ter origem em diversas problemáticas como rupturas com a esfera familiar, baixa escolaridade, empregos precários, falta de habitação, entre outros (Rodrigues, 1999). Martins (2007), refere ainda que a exclusão pode ser potencialmente causada devido a rupturas nas relações interpessoais. Assim, a exclusão social deve ser entendida como um processo multi-problemático que abrange diversas situações e problemas. A exclusão social representa uma ausência de recursos materiais e comunitários, em que a pessoa deixa de participar activamente nas actividades sociais e culturais disponíveis afectando de forma negativa o bem-estar global do sujeito (Levitas *et al.*, 2007 cit. Ward, 2009). Assim, a exclusão social não representa apenas a ausência de factores físicos mas compromete também, a integridade psicológica dos sujeitos. De acordo com Castel, (1990 cit. Costa 1998), o conceito de exclusão social aplica-se a todos os indivíduos que deixaram de se envolver na sociedade, não estando o conceito necessariamente ligado à pobreza, pois uma pessoa pode ser pobre mas se conseguir manter relações com a comunidade, encontra-se devidamente integrada, todavia, não se pode descurar totalmente a pobreza da exclusão pois a pobreza poderá despoletar um conjunto de situações de exclusão social. O conceito de exclusão social pressupõe que o sujeito deixa de estabelecer laços com a sua rede de suporte familiar, com os amigos, com o trabalho e com a comunidade (Costa, 1998). Isto é, o conceito de exclusão social, remete-nos para uma perda de laços para com todo o ambiente envolvente. Silva, (1999 cit. Martins, 2007) refere que o conceito de exclusão social é um processo que pode ser determinado pela sociedade, podendo esta discriminar e excluir certos indivíduos. Deste modo, pode dizer-se que a sociedade tem um importante papel na desconstrução desta realidade e que a sua intervenção pode ser determinante. A exclusão social envolve portanto, um conjunto diversificado de problemáticas que afectam o sujeito e que pode ter origem numa situação de desemprego, discriminação, fracas competências e famílias desestruturadas, podendo estas serem revigoradas por uma situação de exclusão (Cabinet Office, September 2007, cit. Ward, 2009). Ao longo do tempo, o conceito de exclusão social veio sofrer diversos significados. Segundo Estivill (2003), ao longo do tempo o enquadramento da exclusão social sofreu alterações tornando-se cada vez mais um fenómeno heterogéneo, daí a importância premente de conhecer melhor esta realidade, a sua origem e as suas características para poder ser identificada correctamente. Martins (2007, p. 14), refere que nenhuma pessoa está livre de sentir o processo de exclusão porque “todos, num

dado momento das nossas vidas, nos sentimos por um ou por outro motivo, vítimas de exclusão”. Segundo Estivill (2003, p.5), o fenómeno da exclusão e dos excluídos existiu desde que “os homens e as mulheres vivem de forma colectiva e quiseram dar um sentido a esta vida em comunidade”. Segundo Costa (1998), a exclusão social pode manifestar-se sob diversas formas. Uma delas tem que ver com a escassez de recursos económicos, onde está patente a ausência de condições de vida dignas, baixa escolaridade e uma situação profissional instável. Outro aspecto que poderá ser determinante para uma situação de exclusão, segundo o mesmo autor, tem que ver com a perda de laços para com a comunidade em que está inserido, pois, por motivos de falta de autonomia, o individuo poderá ser forçado a deixar de se relacionar com outras pessoas, deixando de se envolver na sociedade, isolando-se (Costa, 1998). A exclusão social pode também ter origem na dificuldade que a sociedade tem para integrar pessoas de cultura diferente, com problemáticas desviantes, entre outros, o que pode agravar a sua aceitação e integração (Costa, 1998). Como já foi dito anteriormente, a forma como a sociedade vê as situações de exclusão social tem um importante impacto na origem deste fenómeno. Outro aspecto importante a ter em conta é que a sociedade está pouco preparada para lidar com situações de psicopatologia, pois, muitas pessoas doentes são excluídas do seu ambiente familiar por falta de compreensão, tolerância e meios para cuidar de pessoas com perturbações (Costa, 1998). Por fim, e não menos importante, é o facto de problemas como o alcoolismo e a toxicodependência levar alguns indivíduos a afastarem-se do seu ambiente familiar ou serem eles próprios excluídos (Costa, 1998). Todo este conjunto de dinâmicas poderá forçar um individuo a experienciar uma situação de sem-abrigo. Todos estes exemplos são situações que tornam o indivíduo mais vulnerável a uma situação de exclusão social.

Todas estas definições têm contribuído para uma maior compreensão do fenómeno da exclusão social, e como se pode aferir, a exclusão social é um processo que tem subjacente, diversos factores como a pobreza, a ausência de habitação e de um emprego e de rupturas nas relações interpessoais que podem funcionar como causas ou consequências de uma situação de sem-abrigo (Ward, 2009). É importante procurar definir bem os conceitos pois uma boa definição, tem influência na forma como se vêem os fenómenos e como se intervém.

A exclusão social no feminino

Ao longo da História, teve-se conhecimento dos diversos fenómenos de exclusão social, como o exílio, o racismo e a escravatura, que seriam considerados processos normativos. Em nome de um sistema político, social e cultural, homens e mulheres eram tratados de forma diferente sendo que a mulher não possuía qualquer poder ou tinha um poder muito relativo (Estivill, 2003). Actualmente, o panorama não é muito distinto e as mulheres ainda não vêem os seus direitos plenamente respeitados.

O trabalho é o alicerce da integração social, é o que nos faz pertencentes a uma determinada sociedade, onde o sujeito assegura o seu sustento e habitação (Bento & Barreto, 2002; Costa, 1998). Pode-se afirmar que o poder que a mulher hoje possui na sociedade é devido a várias abordagens, como a feminista. Gradualmente, a mulher foi conquistando o seu espaço numa sociedade criada pelo homem e para o homem, onde a participação da mulher continua limitada. Passo a passo, a mulher foi-se amolgando e adaptando a uma sociedade que cada vez mais vai sendo construída de forma mais equitativa e heterogénea, contudo, ainda hoje o crescimento da mulher é pouco aceite. No que respeita ao mundo do trabalho, só a partir do século XX é que a mulher, por meio da corrente feminista, encontrou o seu lugar (Fischer & Marques, 2001). Pereirinha *et al.*, (2007) refere que em Portugal a actividade feminina tem vindo a crescer sendo que as funções passam pelo sector mais tradicional, e as desigualdades salariais, contratuais e de oportunidades são visíveis. O mesmo autor revela que embora as mulheres apresentem níveis mais elevados de escolaridade do que os homens, observa-se que são elas que ocupam geralmente posições hierárquicas inferiores, que por conseguinte, conduzem a remunerações mais baixas (Pereirinha *et al.*, 2007). Esta realidade torna a mulher mais vulnerável, e pode conduzir de certa forma à sua exclusão. Apesar de toda esta hegemonia masculina, Martins (2007) alude que actualmente, as mulheres portuguesas apresentam elevadas taxas de actividade, ou seja, a maior parte das mulheres trabalha no contexto exterior ao seu ambiente familiar, mas como já foi dito anteriormente, nem sempre esta evolução da participação da mulher na vida social e económica traz benefícios, pois ainda é muito visível uma desigualdade de oportunidades entre géneros, encontrando-se a mulher em desvantagem (Martins, 2007). Um aspecto curioso é que esta desigualdade não ocorre apenas no âmbito público, pois no privado, no seio familiar, cabe à mulher tratar das lides domésticas e educar os

filhos, não se observa uma partilha equitativa das tarefas nem da educação das crianças (Silva, 1999 cit. Martins, 2007), o que faz com que a mulher fique sobrecarregada e limitada. Silva (1999, cit. Martins 2007, p.12) acrescenta ainda que é “particularmente notório que, em caso de conflito de interesses entre a vida pública e privada, é à mulher que quase sempre acaba por sacrificar o público ao privado, enquanto a posição do homem tendencialmente se inverte”. Assim, parece legítimo afirmar que esta desigualdade na partilha de funções pode fazer com que a mulher não invista tanto no campo profissional (Martins, 2007). Torres (2005, cit. Martins 2007) refere que uma profissão é decisiva na integração de todos os indivíduos, porém, Martins (2007) refere que as mulheres são particularmente discriminadas no que respeita a oportunidades de emprego, salários, educação e habitação, o que pode reforçar ainda mais a sua vulnerabilidade e tendência para a exclusão social.

Segundo Martinez (2006), desde os primórdios das sociedades que se observa uma barreira entre homens e mulheres, independentemente da sua cultura ou raça, sendo que a mulher era o ser mais prejudicado. Na Mesopotâmia (3000 a.C) caso a mulher não pudesse ter filhos, o homem teria toda a legitimidade para a rejeitar (Duby, 1991 cit. Martinez, 2006). Segundo Fischer & Marques (2001), as relações humanas entre os dois sexos está muitas vezes vinculada às diferenças biológicas, o que poderá ter impacto na forma como cada ser acede aos recursos disponíveis na sociedade, e à forma como cada homem ou mulher encara de forma legítima usufruir de algum recurso. A exclusão social da mulher é intemporal e diversificada, podendo ocorrer de diversas formas e em diversos contextos como em casa, no trabalho ou devido à sua classe social, raça, entre outras (Fischer & Marques, 2001). A relação entre os dois géneros é marcada por uma dinâmica excludente, assumindo que a mulher é um ser inferior. Contudo, um dos marcos importantes para a desconstrução desta realidade, foi o contributo dado pelo movimento denominado “Movimento Feminista” que procurou investir e afirmar os direitos da mulher e lutou para uma maior equidade e justiça entre os dois géneros. Matos & Machado (2008), referem que não é possível realizar um estudo sobre mulheres, sem se abordar o movimento feminista. Este movimento marcou de forma particular a vida das mulheres na sociedade pois estas começaram a perceber o seu papel secundário na vida de um homem e quiseram interromper essa forma estigmatizada de pensar (Matos & Machado, 2008). O “Movimento Feminista” nasceu no século XX, onde o papel da mulher, a sua utilidade e valor como pessoa, foram

questionados. A este propósito, Silva (1983) refere que se procurou criar um mundo melhor e mais equitativo.

Apesar de todas as barreiras e dificuldades, a mulher continua a criar o seu espaço na comunidade, e os preconceitos associados à mulher têm vindo a desaparecer.

A população sem-abrigo

Segundo Fernandes (2006), a investigação científica no âmbito da população sem-abrigo em Portugal iniciou-se a meados da década de oitenta do século XX, porém, a nível internacional existem estudos desde os finais dos anos sessenta que tiveram como principal objectivo a compreensão do aumento da proporção de pessoas sem-abrigo e o facto de utilizarem um espaço público para viverem (Damon & Firdion, 1996 cit. Fernandes, 2006). A população sem-abrigo enfrenta importantes desafios, pois, por um lado são pessoas que perderam os laços com a sociedade, por outro, a própria sociedade vai criando barreiras que dificultam a reintegração na mesma (Nemiroff *et al.*, 2010). Segundo Costa (1998), para se compreender o fenómeno de sem-abrigo, é essencial que conheçamos e analisemos com os indivíduos, a sua história de vida, a sua trajectória, as suas escolhas e motivações, as suas reais necessidades, ou seja, os significados atribuídos pelo sujeito à sua condição.

Definição de sem-abrigo

Definir o conceito de sem-abrigo é uma tarefa bastante complexa, contudo, é extremamente importante para se ter em conta a proporção de pessoas nesta condição e para se intervir de forma eficaz procurando inverter a situação (Tipple & Speak, 2005 cit. Miguel *et al.*, 2010). A concepção de sem-abrigo tem sofrido transformações ao longo do tempo, pois se outrora, este conceito estava muito vocacionado para as pessoas que mendigavam e que marginalizavam, actualmente, este conceito tornou-se mais abrangente, englobando pessoas vítimas da crise económica vigente, de trabalhos precários e do desemprego, pessoas dependentes de substâncias, entre outros (Pimenta, 1992 cit. Sousa & Almeida 2001). A condição de sem-abrigo é o resultado de uma trajectória de vida repleta de falta de suporte e de afectos, que se traduz numa estrutura

frágil, no qual se vai agravando com as experiências subsequentes, por isso antes de um indivíduo se tornar sem-abrigo, intimamente já não estavam reunidas as condições necessárias para que isso não acontecesse (Bento & Barreto, 2002). Segundo Pimenta (1992, cit. Fernandes, 2006) a condição de sem-abrigo não pode ser compreendida apenas pelos factores individuais, porém, não rejeita a hipótese de que estes possam contribuir de alguma forma para este fenómeno. Alguns autores referem que existem alguns factores individuais e estruturais que podem contribuir para a origem da condição de sem-abrigo. Entende-se por factores individuais, aqueles que são influenciados pelo sujeito, tais como: uma situação de divórcio e o abandono familiar; o abuso de álcool e/ou de substâncias, doença mental e violência doméstica (Meert *et al.*, 2005 cit. Miguel, 2010). Os factores estruturais constituem-se factores que não dependem directamente do sujeito mas da sociedade em si e que podem influenciar uma experiência de sem-abrigo, tais como as condições de empregabilidade e de habitação vigentes (Clapham, 2003 cit. Miguel, 2010). Assim, os factores que podem influenciar um sujeito a viver na rua, podem depender de causas individuais e ambientais. Segundo a definição do Conselho da Europa (1992), as pessoas sem-abrigo são vistas como pessoas socialmente excluídas de permanecer num domicílio próprio (Munoz & Vasquez, 1998 cit. Bento & Barreto, 2002). A FEANTSA (Federação Europeia de Serviços para Pessoas Sem-Abrigo) refere-se às pessoas sem-abrigo como aquelas que apresentam dificuldades em suportar uma casa através de si próprio e através dos serviços disponíveis (Munoz & Vasquez, 1998 cit. Bento & Barreto, 2002). Segundo Jesus & Menezes (2010), este conceito de sem-abrigo representa uma visão redutora do fenómeno pois centra-se apenas nos factores individuais, nas fragilidades e na ausência de competências dos indivíduos que podem conduzir à manutenção da situação, ignorando outros factores e influências que podem resultar numa condição de sem-abrigo. Bento & Barreto, (2002) optam por uma definição mais ampla, ressaltando que o conceito de sem-abrigo abarca um conjunto de situações como a falta de meios e de laços com a comunidade para aceder a uma habitação própria e adequada. Todavia, mais do que a ausência de uma habitação, a pessoa sem-abrigo perde o estatuto de membro activo da sociedade (Breese & Feltey 1996, cit. Nemiroff *et al.*, 2010). Assim, pode-se afirmar que a sociedade não apresenta todos os meios necessários para prevenir a ocorrência de fenómenos como a exclusão social. Ser sem-abrigo resulta, portanto, de uma perda dos acontecimentos considerados normativos pela sociedade como ter uma

habitação, família e um trabalho (Clapham 2003, cit. Nemiroff *et al.*, 2010). Segundo Bahr, (1973 cit. Bento & Barreto, 2002) uma pessoa torna-se sem-abrigo quando perde todos os laços com as várias organizações colectivas como a família, a escola, o trabalho e o lazer.

De seguida, apresenta-se um conjunto de dinâmicas que caracterizam a população sem-abrigo e que a literatura aponta como impulsionadoras de uma condição tão adversa.

Bento & Barreto (2002), referem que o contexto de rua poderá não possuir apenas um carácter negativo, pois pode ser um lugar de encontro consigo mesmo, onde a pessoa sem-abrigo constrói e obedece às suas próprias regras e ambições, onde cria o seu próprio modo de viver, daí a reincidência em alguns casos. Thelen (2004 cit. Martins, 2007) introduz o termo “Nudez social” para se referir ao facto de a população sem-abrigo estar privada de muitos recursos, o que implica que as pessoas sem-abrigo necessitem de incrementar competências e estratégias para se adaptar de forma positiva à sua condição (Silva, 2007 cit. Jesus & Menezes, 2010). Segundo um estudo de Fernandes (2006), as estratégias utilizadas pela população sem-abrigo para fazer face à ausência de recursos económicos, são o recurso aos biscates e a trabalhos temporários. Apesar de o contexto de rua ser o resultado de diversos factores e problemáticas, a pessoa sem-abrigo necessita de se adaptar a uma nova realidade e a novas situações, por isso, necessita de criar um espaço onde possa descansar e tornar seu, assim, as pessoas sem-abrigo utilizam como locais de pernoita diversos espaços que se traduzem, na sua maioria, em espaços como lojas, entrada de prédios e casas abandonadas, onde a população sem-abrigo, procura recriar esses espaços procurando personalizá-los em função dos seus gostos (Fernandes, 2006). O fenómeno de sem-abrigo pode ser provocado por diversas problemáticas como a ausência de um emprego, doenças físicas e mentais, discriminação racial entre outros, sendo muitas vezes o resultado da situação política vigente (Miguel, *et al.*, 2010). Segundo o Instituto de Segurança Social, (2005) pode-se identificar dois tipos de sem-abrigo. Aqueles que vivem há bastante tempo na rua, com alguns destes sem-abrigo a recorrerem a alguns apoios institucionais e outros que permanecem na rua sem qualquer tipo de assistência, e os novos sem-abrigo, que se encontram há pouco tempo nestas circunstâncias por perdas a vários níveis e que

necessitam de um apoio que lhes proporcione a reconstrução do seu percurso de vida (Instituto de Segurança Social, 2005). O desemprego, reduções no salário, dificuldades no acesso a um primeiro emprego, são alguns factores de risco que podem contribuir para o fenómeno dos “novos sem-abrigo” (Instituto de Segurança Social, 2005). Visto que são duas trajectórias de vida tão distintas, pressupõe-se que a experiência destas pessoas não será a mesma, sendo que a questão temporal também é importante na medida em que quanto mais tempo uma pessoa permanecer na rua, mais vulnerável estará a estereótipos (Instituto de Segurança Social, 2005). Segundo Fernandes (2006), o factor tempo pode conduzir um indivíduo a processos de acomodação que resultam das estratégias de adaptação face à condição de sem-abrigo; da ausência de uma rede suporte efectiva; da dificuldade em definir objectivos de vida e segundo a autora Sandra Alves (1996 cit. Fernandes, 2006), pela insuficiência de rendimentos que não permitem a autonomia da pessoa sem-abrigo. O Instituto de Segurança Social (2005, p.15), refere ainda que “mais do que ser sem-abrigo é estar sem-abrigo”, uma experiência que obriga o indivíduo a desenvolver meios para se adaptar à sua nova condição. Com efeito, Bento & Barreto (2002, p.90) referem que “ser sem-abrigo implica mais do que um modo de viver é um modo de sobreviver”. Pimenta, (1992 cit. Instituto de Segurança Social, 2005) reforça que uma das situações que pode conduzir à experiência de sem-abrigo prende-se com o facto de estas pessoas quase não manterem laços com a família, o que poderá ser determinante para a sua situação, visto que, estes indivíduos começam “a contar apenas com outros indivíduos em situação semelhante, com quem estabelecem, frequentemente relações meramente funcionais, longe de se poderem constituir enquanto elementos de efectivo suporte” (Baptista, 2004 cit. Instituto de Segurança Social, 2005, p.14). Um estudo de Bento & Barreto (2002), conclui que a maioria dos indivíduos apresenta uma trajectória profissional instável, porém, é importante salientar que também existem alguns indivíduos com alguma trajectória profissional favorável, todavia, devido a factores como a toxicodependência ou o alcoolismo, doenças ou rupturas familiares, conduziram ao despedimento que pode ser causa e consequência para não se voltar a procurar emprego (Instituto de Segurança Social, 2005). Baptista, (2004 cit. Instituto de Segurança Social, 2005, p.14), refere que “hoje não é possível falar em sem-abrigo sem falar de toxicodependência”, visto que o quotidiano destes indivíduos é preenchido pela satisfação da necessidade de consumo, e em actividades ilegítimas para os sustentar o que compromete a sua integridade física e

psicológica. Thelen (2004, cit. Martins, 2007) refere que o dia-a-dia de um indivíduo sem-abrigo é preenchido com a satisfação das necessidades mais básicas. Diversos investigadores, encontram na população sem-abrigo uma elevada incidência de perturbações mentais, abuso de substâncias e de álcool (Bento & Barreto, 2002; Instituto de Segurança Social, 2005; Caton *et al.*, 2005; Culhane & Kuhn, 1998; Zlotnick, Robertson, & Lahiff, 1999 cit. Zlotnick *et al.*, 2010), e situações de risco na infância (Zlotnick *et al.*, 2010).

Numa época de enorme complexidade para a maioria da população portuguesa, devido à conjuntura actual do País e às dificuldades em arranjar e manter um trabalho, as pessoas com menor qualificação profissional tendem a estar numa situação difícil, que é o que acontece com a maioria das pessoas sem-abrigo que apresentam maioritariamente, baixa-escolaridade e uma idade difícil para se arranjar trabalho, o que significa que estas pessoas têm menos possibilidades de encontrar um trabalho que responda às suas necessidades (Bento & Barreto, 2002).

Intervenção com a população sem-abrigo

Tem vindo a crescer o número de pessoas sem-abrigo, o que revela a pertinência de se criarem estratégias para colmatar esta situação. Apesar do fenómeno de sem-abrigo não ser algo recente, é curioso como só na década de 90 é que surgiram as primeiras respostas de apoio a este tipo de população (Bento & Barreto, 2002). Segundo a FEANTSA (2005), as políticas de intervenção na exclusão social não devem somente ter em conta a população sem-abrigo mas também as pessoas que se encontram em risco de o ser. Trata-se de uma intervenção preventiva no sentido de se minimizar o risco de ocorrência de novas situações de sem-abrigo. Apesar de existirem algumas pessoas sem-abrigo que não usufruem de qualquer tipo de apoio institucional, a maioria das mesmas, recorre às equipas de rua que faz ponte com os serviços de apoio institucional, com o objectivo de melhorar a sua condição de vida (Instituto de Segurança Social, 2005). Atendendo à multiplicidade de casos de pessoas a viver em contexto de rua e das causas que podem conduzir um indivíduo a viver na rua serem tão diversas, qualquer tipo de intervenção é aceite (Dykeman, 2010). Têm sido criadas algumas respostas sociais como instituições e albergues, contudo, este tipo de apoio não é suficiente para

promover efectivamente a integração dos indivíduos na comunidade (Sousa, 2001). Seria necessário uma intervenção que envolvesse uma equipa multidisciplinar no sentido de se procurar colmatar as necessidades mais básicas da pessoa sem-abrigo, mas também intervir nos factores que conduziram a pessoa a uma condição tão adversa. Existem estudos que referem que relativamente à eficiência do tipo de intervenção maioritariamente prestado, a população sem-abrigo percebe esta de forma negativa, pois acreditam que um apoio eficaz passaria por um apoio ao nível do acesso a uma habitação e emprego, saúde e programas de desintoxicação (Instituto de Segurança Social, 2005). Egar, Doherty & Mina-Coull (1999, cit. Fernandes, 2006) referem que os serviços de apoio à população sem-abrigo deveriam atender à sua multiplicidade de necessidades e apostar numa lógica de inserção social. Todavia, o tipo de intervenção tem sido reformulado e apesar de existirem programas de formação profissional, ateliês ocupacionais, programas de metadona, entre outros, estes serviços existem em número insuficiente (Instituto de Segurança Social, 2005). Zimmerman, (1990 cit. Jesus & Menezes, 2010) referem que a intervenção com esta população deveria ter por base a promoção do *empowerment*, pois este permite que o sujeito seja o autor da sua própria história, a influencie e tenha poder sobre a sua vida para que não necessite de apoio para aceder aos recursos disponíveis na sua comunidade. A promoção do *empowerment* seria uma forma de envolver o sujeito no seu projecto de vida e torná-lo activo e responsável na construção do seu percurso. As IPSS'S e a Segurança Social são as entidades que desenvolvem o seu trabalho junto da população sem-abrigo, contudo, para se promover a inserção social da população sem-abrigo é necessário considerar as necessidades mais básicas do ser humano em consonância com as necessidades ao nível da promoção de competências pessoais, sociais e profissionais (Instituto de Segurança Social, 2005). Alguns autores defendem que uma intervenção eficaz não passa somente pela criação de instituições temporárias (Shinn *et al.*, 1990 cit. Sousa, 2001; Bruto da Costa, 1998). Uma pessoa sem-abrigo necessita de resolver a situação de falta de residência, porém, essa falta de residência pode ser consequência de problemas graves dentro de casa que merecem também ser contemplados nas intervenções (Costa, 1998). Problemas conjugais ou familiares poderão ter levado o individuo a abandonar a sua casa e por isso é importante que se conheça a história do individuo para que se possa intervir de forma concertada com todos os indivíduos envolvidos, trabalhar com os familiares ou com o casal de forma a contornar a situação e resolver o problema, sempre que possível

(*idem*). Quer-se com isto dizer, que, uma instituição temporária poderá ser uma medida benéfica mas não a única, deverá procurar-se trabalhar com os diversos intervenientes a fim de evitar a dependência das instituições, pois se apenas se resolve o problema da falta de casa e se negligencia os factores que conduziram a essa situação, o individuo continuará com os mesmos problemas que o levaram a uma situação tão extrema como a de viver na rua (Costa, 1998). A maior parte do tipo de intervenção com a população sem-abrigo, assenta numa lógica assistencialista que procura essencialmente colmatar as necessidades mais básicas do ser humano – a alimentação, higiene e vestuário (Instituto de Segurança Social, 2005). Uma vez que as políticas de intervenção com a população sem-abrigo pretendem garantir a reintegração desta população, a literatura tem descrito alguns tipos de integração que poderão beneficiar a pessoa sem-abrigo. A integração social implica que o sujeito disponha de competências sociais, de forma a interagir com os indivíduos e a usufruir do maior apoio possível por parte dos membros da sua comunidade (Nemiroff *et al.*, 2010). O que implica que se promova um conjunto de competências pessoais e sociais na pessoa sem-abrigo. A integração psicológica diz respeito ao envolvimento e ao sentimento de que o sujeito faz parte de qualquer coisa (Nemiroff *et al.*, 2010). No processo de intervenção é necessário que o sujeito se sinta envolvido e compreendido, de forma a sentir que tem influência na sua vida. Aubry & Myner (1996, cit. Nemiroff *et al.*, 2010) explicam que a integração física refere-se ao envolvimento activo do sujeito na comunidade. Por fim, é importante que o sujeito se envolva activamente nas actividades disponíveis na sociedade de forma a sentir-se útil e potenciar o seu bem-estar global. Um aspecto muito importante da integração física é que a pessoa sem-abrigo disponha de uma habitação estável, pois sem esta, o individuo não vê reunidas todas as condições para fazer face à sua condição (Nemiroff *et al.*, 2010). Naturalmente que uma intervenção ajustada às reais necessidades das pessoas sem-abrigo, passa pelo aumento do conhecimento acerca da condição de sem-abrigo; melhorar o tipo de metodologias de investigação; avaliar os programas de intervenção existentes e ainda perceber como funcionam os serviços disponibilizados para a população sem-abrigo, tentando avaliar a sua pertinência (Fernandes, 2006).

Cada experiência de sem-abrigo é única e por isso resulta com certeza em diversos significados, pois cada ser humano tem uma forma particular de vivenciar e lidar com os acontecimentos da sua vida. (Jesus & Menezes, 2010).

De seguida, procura-se abordar alguns estudos e dinâmicas sobre a experiência das mulheres sem-abrigo.

Ser mulher sem-abrigo

Dados empíricos

Apesar de o número de mulheres ter aumentado cerca de 50% entre a década de 1970 e 1980, (Slavinsky & Cousins, 1982 cit. Ingram, 1996), a investigação sobre as mesmas tem sido um pouco ignorada, talvez pela maioria das pessoas sem-abrigo serem do sexo masculino (Fernandes, 2006). Segundo Huey & Berndt, (2008 cit. Walsh *et al.*, 2009) a literatura tem dado pouca importância para o perigo que uma situação de exclusão social pode representar para uma mulher. Daí a necessidade premente de serem realizados estudos que se foquem na experiência de mulheres sem-abrigo e nos desafios que as mesmas enfrentam. Segundo Pereirinha *et al.*, (2007) a “feminização da pobreza”, conceito introduzido por Diana Pierce em 1978, foi um marco importante para se conhecer mais concretamente a realidade das mulheres sem-abrigo. Martins (2007), faz referência ao facto de os estudos sobre mulheres serem algo actual, pois só no século XX, é que as questões de género adquiriram algum interesse, sendo que, o que contribuiu para este facto foi precisamente o reconhecimento por parte das mulheres dos seus direitos e de quererem ter um papel activo na sociedade. Alguns estudos revelam que o número de mulheres sem-abrigo tem crescido fortemente (Slavinsky & Cousins, 1982 cit. Ingram *et al.*, 1996), de maneira que alguns autores (e.g., Bassuk, 1987, cit. Ingram *et al.*, 1996), referem que este é um fenómeno “tipicamente feminino”, no entanto, apesar da proporção de mulheres na população sem-abrigo ter vindo a aumentar, (Hodnicki *et al.*, 1992 cit. Ingram *et al.*, 1996), Hagen, 1987 cit. Ingram *et al.*, 1996 referem que poucos estudos se têm focado na experiência feminina de sem-abrigo. Alguns autores defendem que os estudos que têm sido feitos sobre mulheres apenas recaem sobre os factores que podem ter conduzido uma mulher a viver na rua (Hagen & Ivanoff 1988, cit. Ingram *et al.*, 1996), e não sobre a experiência adquirida da sua condição. É diferente ser homem ou mulher sem-abrigo (Martins, 2007). A AMI, uma Organização Não Governamental (ONG) portuguesa, que desenvolve o seu trabalho em diversas áreas sociais, incluindo junto de pessoas sem-

abrigo, realizou um estudo em 2009 onde encontrou algumas diferenças de gênero, nomeadamente, em relação ao período de permanência na rua, onde verificou que 16% das mulheres encontram-se à 1 ou 2 anos na mesma, enquanto no grupo dos homens este número é inferior correspondendo a 11%. Ao contrário de um estudo realizado pelo Instituto de Segurança Social, (2005), que revela uma presença importante de mulheres mais velhas em contexto de rua, comparativamente aos homens, Martins, (2007) refere que se tem observado um crescente número de mulheres de gerações mais jovens a viver na rua. Bento & Barreto (2002), referem que em comparação com os homens, as mulheres sem-abrigo apresentam menos escolaridade, mais filhos e menor abuso de dependências. Alguns estudos sugerem ainda que ao contrário dos homens, a mulher está mais susceptível à pobreza e exclusão social (Pereirinha *et al.*, 2007; Hagan, 1987 cit. Deward *et al.*, 2010).

Existem alguns factores que podem contribuir para uma mulher se tornar sem-abrigo. Um estudo de Tessler *et al.*, (2001 cit. Miguel, 2010) refere que os factores que podem precipitar um homem a viver na rua diferem das razões apresentadas pelas mulheres, uma vez que o desemprego, a doença mental e o abuso de álcool e de substâncias podem funcionar como causas para um homem viver na rua, factores como o despejo, ausência de rede de suporte e os conflitos interpessoais podem estar na origem da experiência de mulheres sem-abrigo. Um estudo de Edgar & Doherty (2001 cit. Fernandes, 2006) menciona que a violência doméstica e o divórcio são os factores que estão na base de uma situação de sem-abrigo no feminino. Segundo Edgar, (2001 cit. Martins 2007), as questões relacionais como as rupturas nas relações afectivas, a viuvez e os maus-tratos são as razões mais apontadas por mulheres sem-abrigo para justificar a sua vivência na rua. Estudos mais recentes realizados nos Estados Unidos revelam que os factores que conduzem as mulheres a viver na rua são a pobreza, os maus-tratos, as dependências, problemas de saúde mental, e experiências traumáticas sendo que estas situações se podem agravar devido ao risco de se permanecer na rua (Walsh *et al.*, 2009; Connett, 2010). Muitas mulheres permanecem em lares disfuncionais durante muito tempo, onde a violência faz parte do quotidiano, no entanto, porque muitas mulheres dependem dos homens, a vários níveis, vão continuando nesta situação perigosa não querendo correr o risco de ficar na rua (Martins, 2007). Um estudo britânico revela que 70% dos homicídios por parte do sexo masculino sobre as mulheres ocorreu precisamente porque a mulher cessou a relação (*idem*). Daly, (1996

cit. Fernandes, 2006) refere que as razões apontadas para um homem se tornar sem-abrigo prendem-se com as questões de desemprego, ausência de habitação e rupturas familiares, as mulheres essencialmente por problemas económicos, de saúde ou maus tratos, sendo esta condição vista pelo autor como algo transitório. Daly, (1996 cit. Fernandes, 2006) adverte para o facto de as mulheres sem-abrigo apresentarem mais necessidades de protecção, pois, segundo Connett, (2010) uma situação de sem-abrigo pode ser muito perigoso para a mulher, pois estudos revelam que estas estão sujeitas a doenças crónicas, doenças sexualmente transmissíveis, gravidezes, abuso de substâncias e desnutrição. Parece também que algumas problemáticas ocorridas na infância podem influenciar uma experiência de sem-abrigo como por exemplo: maus-tratos, pobreza, problemas de saúde mental dos familiares e o abuso de substâncias (Connett, 2010). Buckner *et al.*, 1993; Fisher *et al.*, 1995 cit. Nemiroff *et al.*, 2010 referem que outros factores inscritos na história de vida de mulheres sem-abrigo, caracterizam-se por doenças físicas, baixa escolaridade, desemprego, maus-tratos e ainda uma infância caracterizada por maus tratos familiares (Farrell, Aubry, Klodawsky, Jewett and Petty, 2000; Shinn, Knickman and Weitzman 1991; Shinn *et al.*, 1998 cit. Nemiroff *et al.*, 2010). Connett, (2010) refere que crianças que crescem num ambiente desfavorável, têm dificuldades na resolução de problemas de forma adaptativa e em tomar decisões. Apesar de algumas problemáticas poderem influenciar uma trajetória de sem-abrigo, existem algumas mulheres que cresceram num ambiente familiar favorável (Connett, 2010). Comparativamente com os homens, as mulheres apresentam uma maior rede de suporte social (Farrell *et al.* cit. Nemiroff *et al.*, 2010).

Segundo Baptista (1997, cit. Fernandes, 2006) existem alguns factores que podem contribuir para a existência de uma maior proporção de homens sem-abrigo, entre eles, o facto de existir uma escassez de respostas de apoio económico para estes, defendendo que algumas mulheres recorrem à prostituição como forma de pagarem uma pensão. Apesar de algumas mulheres poderem recorrer à prostituição como forma de manter uma habitação, o menor número de mulheres sem-abrigo pode estar relacionado com a forma como a mulher entende e o significado que atribui a uma experiência na rua enquanto sem-abrigo. Com efeito, Martins, (2007) refere que embora as estatísticas apresentam números pouco significativos de mulheres sem-abrigo, isto pode estar relacionado com o facto de esta situação ser menos perceptível, porque a nível cultural a rua é domínio do homem, quando a mulher se confronta com uma situação de viver na

rua, possivelmente sofrerá mais dificuldades na adaptação a esta circunstância do que os homens e isso poderá levar a mulher a procurar locais mais discretos para se refugiar. Decerto, pode dizer-se que as desigualdades que a mulher tem vivido ao longo dos tempos a diferentes níveis e os preconceitos atribuídos, podem influenciar os locais escolhidos pelas mesmas.

Em suma, diversos investigadores tentam explicar as causas que podem conduzir uma mulher a viver na rua, porém, alguns factores são bastante referenciados para justificar a vivência na rua como os maus tratos no âmbito familiar e/ou conjugal que resultam na falta de suporte familiar; ruptura nas relações interpessoais; perturbações mentais e abuso de substâncias.

Experiência de mulheres sem-abrigo

A literatura tem vindo a identificar algumas problemáticas associadas à experiência de mulheres sem-abrigo, tomemos como exemplos, histórias de vitimação, perturbações mentais e a ausência de apoios institucionais adequados para as mesmas.

De seguida, procura-se caracterizar essas problemáticas que a literatura aponta como presentes no quotidiano das mulheres sem-abrigo.

Histórias de vitimação

Uma dinâmica que alguns autores referem como frequente no quotidiano das mulheres sem-abrigo diz respeito aos maus-tratos (Ingram *et al.*, 1996). Milburn & D'Ercole (1991, cit. Ingram *et al.*, 1996) advertem para as consequências psicológicas da vitimação que podem contribuir para a manutenção da condição de sem-abrigo. As experiências de abuso físico e sexual são dois exemplos de riscos que estas mulheres também estão susceptíveis de correr, segundo um estudo realizado em Inglaterra com 44 mulheres (Reeve *et al.*, 2006 cit. Joly, 2007).

Perturbações mentais

Alguns autores sugerem a existência de um elevado predomínio de psicopatologia nas mulheres sem-abrigo, sendo que a depressão é mais elevada do que no resto da população (Koegel, Burnam, & Farr, 1988 cit. Rayburn *et al.*, 2005). Segundo Connett, (2010) uma situação de sem-abrigo pode ser muito perigoso para a mulher, pois estudos revelam que estas estão sujeitas a problemas de saúde mental como perturbações do humor, perturbações de ansiedade, psicoses e alguns défices de auto-estima. Posto isto, um estudo revelou que embora os homens apresentem maior risco de se tornarem sem-abrigo, as mulheres apresentam um risco superior para desenvolverem perturbações graves e um risco inferior de dependências (Bento & Barreto 2002). D'Ercole and Struening (1990 cit. Ingram, 1996), encontraram correlações significativas entre diferentes tipos de vitimação e a depressão. Parece também que as mulheres apresentam um maior risco para desenvolver sofrimento psicológico (Roll, Toro and Ortola, 1999 cit. Nemiroff *et al.*, 2010).

Apoios institucionais

Segundo um estudo de Fernandes, (2006) as instituições religiosas são os serviços mais disponibilizados de apoio a mulheres sem-abrigo. A maioria das respostas sociais junto desta população, aposta numa abordagem assistencialista, ou seja, centrada na satisfação das necessidades básicas como a alimentação e higiene. É muito pouco frequente a existência de apoios mais especializados como programas ocupacionais, apoio na reinserção social e de acordo com as necessidades individuais e particulares da mulher (Silva, 2010) É importante reagir e reconsiderar políticas de intervenção específicas para as mulheres e políticas de prevenção para que dada a conjuntura actual do País, o fenómeno não se alargue ainda mais.

3. Objectivos do estudo

Este trabalho de investigação visa analisar e compreender a experiência de uma mulher enquanto sem-abrigo procurando apreender os significados atribuídos à sua condição. Deste modo, pretende-se contribuir para o aumento do conhecimento acerca dos significados e da experiência de mulheres sem-abrigo. Um outro objectivo prende-

se com questões relativas à variável género, ou seja, em que aspectos a vivência feminina se diferencia e/ou se assemelha à vivência masculina.

4. Método

Introdução

A presente investigação teve como estratégia de pesquisa o estudo de caso único. De acordo com Yin (2005), esta opção justifica-se quando o caso representa: um teste crucial da teoria existente; um caso típico ou representativo; uma circunstância rara ou exclusiva; o caso serve um propósito revelador ou longitudinal. Apesar de a condição de mulher sem-abrigo não ser tão rara como a sociedade desejaria e/ou supõe, ficaram já explanadas ao longo do enquadramento teórico os motivos que levam a que os sem-abrigo, e em particular as mulheres que se encontram nesta condição, se procurem manter de certa forma “invisíveis” perante o outro. Inicialmente a nossa opção metodológica passava por procurar obter, recorrendo ao método de *snow-ball*, a uma amostra diversificada de mulheres sem-abrigo, com diferentes tipos de vivências e de significados associados às mesmas. No entanto, desde cedo nos deparamos com dificuldades em aceder à população-alvo ou, nos raros casos em que o conseguíamos fazer, em concretizar a realização da entrevista (e.g. mulheres que inicialmente se mostraram disponíveis mas que entretanto “desapareceram”). Assim, se a nossa opção pelo estudo de caso único esteve, inicialmente, ligada a estas dificuldades de acesso às mulheres sem-abrigo, o facto de a mulher sem-abrigo que participou neste estudo, para além de constituir um caso típico ou representativo do fenómeno (considerada uma “perita experiencial”), ter tido uma disponibilidade para partilhar as suas experiências e significações que sabemos atípica ou incomum em pessoas nestas condições (aliás, a própria nos confirmou que seria difícil aceder a outras mulheres, quando tentamos iniciar através dela a recolha por *snow-ball*), levou-nos a considerar que o estudo de caso único seria uma opção metodológica sustentada.

Questões de investigação:

O nosso estudo partiu das seguintes questões de investigação:

- Quais os factores precipitantes de uma situação de exclusão extrema?
- Quais as significações atribuídas à vivência de uma situação de sem-abrigo?
- Existem semelhanças ou diferenças de género no que respeita à experiência de sem-abrigo?

O caso

A amostra da presente investigação é constituída por uma mulher, de nacionalidade portuguesa, com 36 anos de idade, divorciada, com dois filhos menores vivendo na rua há cerca de 2 anos. Devido a este facto, consideramos a mesma como sendo uma perita experiencial, uma vez que, possui uma longa trajectória de vivência em contexto de rua, o que nos permite obter informação vasta e valiosa acerca deste contexto.

Instrumentos

De forma a operacionalizar a nossa investigação, utilizou-se um guião de entrevista adaptado da “*life-story interview*” de (McAdams, 2000 cit. Matos, 2008) de forma a podermos aceder à experiência da mulher sem-abrigo. Assim, e de forma a poder explorar alguns tópicos relativos ao nosso objecto de estudo, não se utilizou o guião de entrevista no seu todo e este foi sujeito a reformulações de acordo com os objectivos do estudo. Então, o guião contempla as seguintes temáticas: dados de caracterização sociodemográfica; elementos sobre a história de vida, desde a caracterização do contexto familiar, contexto habitacional, percurso escolar e profissional, ocupações, comportamentos desviantes, experiências de vitimação/discriminação, percurso institucional, assim como, a experiência pessoal de sem-abrigo, tendo em conta possíveis diferenças de género, apelando assim, à percepção

e ao significado atribuído à sua condição de sem-abrigo. Procurou-se ainda abordar questões que remetessem para a representação geral do fenómeno; acontecimentos significativos no contexto global da sua história de vida, finalizando com uma questão relativa ao maior desafio da mulher sem-abrigo. Importa salientar, que o guião se caracterizou pela sua flexibilidade estrutural, sendo sujeito a reformulações e novas questões consoante o discurso da participante. Ressalve-se, que apesar de o guião de entrevista contemplar a história de vida da participante, optamos apenas por nos focar na experiência enquanto mulher sem-abrigo, uma vez que é o objectivo central do nosso estudo.

Procedimentos

Recolha de dados

Relativamente à recolha dos dados para a nossa investigação, esta foi realizada durante o mês de Abril de 2012 na instituição Casa da Rua Dom Lopo de Almeida, após autorização da directora, uma vez que esta é uma comunidade de inserção que presta o seu apoio à população sem-abrigo. É uma instituição que possui alojamento apenas para indivíduos do sexo masculino, porém, existem alguns serviços abertos a toda a comunidade. A Casa da Rua assegura a prestação de diferentes serviços como: alimentação, lavandaria e higiene pessoal. No âmbito do serviço alimentar, existe um serviço denominado “Sopa da Noite” que é uma resposta de emergência para todas as pessoas que estejam de forma temporária com dificuldades ou que estejam numa situação de exclusão extrema (sem-abrigo). De forma a cumprir os nossos objectivos, realizou-se uma entrevista qualitativa aprofundada à participante do estudo. A entrevista tinha marcação prévia, não existindo tempo limite, contudo, a entrevista foi realizada em dois momentos distintos devido a constrangimentos de tempo da própria participante. Optou-se pela utilização de um gravador áudio de forma a garantir os dados do discurso directo da participante, transcrevendo de seguida a entrevista. A recolha de dados foi realizada explicando à participante os objectivos inerentes da investigação, contemplando os princípios da confidencialidade. De forma a procurar a triangulação dos dados, procurou-se diversificar as estratégias de recolha dos mesmos, complementando a realização da entrevista com o método da observação participante. Inicialmente estava previsto que esta observação incluísse passar um dia inteiro com a

participante, numa lógica etnográfica, de forma a experimentar a vivência do dia-a-dia na condição de sem-abrigo, obtendo assim uma perspectiva mais compreensiva e experiencial acerca do fenómeno. Contudo, apesar de a participante ter aceiteado esta proposta, tal não foi possível de concretizar porque entretanto a mesma deixou de aparecer na Casa da Rua. Em contrapartida, foi possível complementar a recolha de dados através da entrevista com diversos momentos de observação participante no serviço da sopa da noite, que se revelou um contexto chave não só para possibilitar o contacto com a participante, viabilizando portanto o presente estudo, como também para enriquecer e contextualizar a nossa perspectiva acerca do fenómeno, ao possibilitar-nos um contacto privilegiado com esta população.

Análise dos dados

No que concerne à análise dos dados do presente estudo, recorreu-se ao método qualitativo, onde os dados foram sujeitos a uma análise de conteúdo. Na análise de conteúdo é necessário reler várias vezes os dados transcritos, não interpretando de imediato os dados (Bardin, 2004). Com a análise de conteúdo procurou-se perceber as semelhanças entre os dados, de forma a simplificá-los e organizá-los (*idem*, 2004). O presente estudo procurou também seguir alguns princípios da *Grounded Analysis*, o que nos remete para o método indutivo, pois as categorias foram sendo construídas à medida que se analisavam os dados, não sendo previamente criada nenhuma categoria (Matos, 2008). Seguiu-se ainda o princípio da parcimónia onde inicialmente as categorias estavam mais vocacionadas para o discurso da mulher sem-abrigo, contudo, à medida que a análise ia progredindo, criaram-se novas categorias e analogias entre as mesmas com o objectivo de compreender o fenómeno (Matos, 2008 cit. Rennie, Phillips & Quartaro, 1988). Por fim, procurou-se incluir o máximo de unidades de registo nas diferentes categorias criadas – princípio da codificação aberta (Matos, 2008 cit. Rennie, Phillips & Quartaro, 1988).

5. Apresentação dos resultados

Factores que podem contribuir para alguém viver na rua

Maria (nome fictício), quando questionada acerca dos factores que podem conduzir uma pessoa a viver em contexto de rua, refere as dificuldades económicas e os problemas familiares. De acordo com a entrevistada, a importância destes dois factores é transversal a toda a população sem-abrigo, no entanto, a forma como se relacionam entre si na precipitação da uma situação de sem-abrigo, é diferente no caso dos homens e no caso das mulheres.

Na perspectiva da participante, no caso dos homens as dificuldades económicas têm um impacto mais directo, pelo facto de dificultarem o cumprimento das expectativas de género ditas tradicionais, imbuídas numa lógica patriarcal, em que cabe ao homem, o “chefe de família” o sustento financeiro da família (e.g. *“isto é assim, com o aumento da taxa de desemprego eles deixam de se sentir os chefes da casa, começam logo a escassear o dinheiro e não poder comprar isto e aquilo e se calhar o vizinho do lado ainda pode comprar, deixam de se sentir os chefes da família”*). De acordo com Maria, os sentimentos de frustração associados a esta condição levam a que alguns homens vejam a “rua” como um escape face a uma situação geradora de sentimentos de impotência. Por outro lado, Maria refere que existem situações, em particular no caso de jovens ainda dependentes da família, em que a saída de casa se inscreve numa lógica altruísta, de evitar a sobrecarga financeira da mesma (e.g. *“Também há aqueles que estão em más condições por serem jovens e a família não ter condições suficientes, também os há, alguns entre os 20 e os 30, mas a família não tem condições económicas para os apoiar e então acabam por sair”*). Já outros jovens trocam o contexto familiar pela rua por uma questão de desafio pessoal, motivados pela procura de autonomia e independência (e.g. *“Outros porque querem ver se se desenrascam sozinhos, se ali naquela zona não dá vamos tentar para outro lado”*).

Já no caso das mulheres, e na perspectiva da nossa participante, verificamos que as mesmas dificuldades (de ordem económica) estão na origem de grande parte das situações que levam as mulheres a trocar a casa pela rua, mas de uma forma mais indirecta do que no caso dos homens: os mesmos sentimentos de frustração associados ao não cumprimento das expectativas de género que podem ter, para alguns homens, um

impacto directo na decisão de sair de casa, podem levar, noutros casos, à precipitação de uma dinâmica de violência doméstica, que na perspectiva de Maria, são o principal factor para uma mulher sair de casa (e.g. *“porque há aquela ideia estereotipada em que o homem é que tem que sustentar, ele sente-se inferiorizado, e a única forma que ele tem de não se sentir inferiorizado e mostrar que ele ainda é o chefe, e que controla, começa a ser por elevar a voz, para de seguida insultar”*); *“deixam de se sentir os chefes da família e quem paga são as mulheres e os filhos, a dada altura há a ruptura e acabam por ter que fugir”*). Assim, Maria refere que as mulheres saem de casa em busca de uma alternativa para a sua vida (e.g. *“as mulheres acabam por começar a violência dentro de casa e a dada altura saem, algumas porque há alguma esperança de que fora de casa seja diferente”*).

Factores que podem contribuir para a manutenção da situação

Maria refere que os mesmos factores que conduzem a uma situação de sem-abrigo (dificuldades económicas, problemas familiares) acabam por contribuir para perpetuar a condição. Por exemplo, se um dos motivos que levou a uma situação de sem-abrigo se prendeu com problemas familiares, a falta de confiança na família resultante dos mesmos leva à inexistência de uma rede de suporte familiar que pudesse apoiar na saída da situação (e.g. *“Cá fora na rua se for por causa de problemas familiares deixamos de confiar na família”*).

No que concerne especificamente às mulheres que saíram de casa devido a situações de violência doméstica, Maria refere que não raras vezes, a situação se protela por a rua acabar por ser vista por estas mulheres como sendo um contexto mais seguro e menos perigoso do que o contexto familiar, pautado pela conflitualidade. Partilhando o seu próprio exemplo, a entrevistada refere *“Eu ali, o que senti foi alívio, por me ver livre de todas aquelas confusões. E eu sentia-me aliviada porque já não estava a levar nas trombas pelo menos isso”*; *“eu ter saído de casa, a dada altura, eu não tinha porque ter receio, porque eu não via o mundo lá fora mais grave do que via dentro de casa”*; *“a violência não tem a ver com o que eu vivi dentro de casa”*.

A situação económica e financeira do país, conduzindo às dificuldades em obter um emprego e à escassez de apoios institucionais, também podem funcionar como factores para a manutenção da situação (e.g. *“Há poucas ajudas”*; *“tem a ver muito com o aumento das dificuldades, cada vez o número é maior, o numero de pessoas que pede*

apoio ao estado é cada vez maior”. Ainda de acordo com Maria, o facto de as políticas de intervenção serem escassas e morosas (e.g. *“fui entregar os papéis à segurança social ainda hoje, mas a gente nota que há muito...empata...o deixa andar, depois logo se vê”*), contribui para uma visão negativa das instituições e do apoio que podem prestar (e.g. *“Para já acho que é um bocado fantochada”*). Para além destes factores relacionados com a percepção de poucos recursos institucionais e de baixa eficácia dos poucos que existem, Maria refere ainda limitações / dificuldades relacionadas com o próprio indivíduo que se encontra na situação de sem-abrigo que acabam por contribuir para a manutenção da situação, como, por exemplo, a dificuldade na gestão do dinheiro (e.g. *“estou dependente do RSI mas mesmo assim recebendo o RSI se calhar não me vou meter de imediato a alugar um quarto”*).

Maria refere ainda que um factor que também pode contribuir para a manutenção da situação prende-se com a rua ser vista como uma opção de vida, assim como uma forma de acomodação (e.g. *“Há pessoas que estão por vontade própria”; “há outras pessoas que estão assim mas também querem mudar mas só mudam de uma cadeira para a outra”*). E ainda, alguns que, segundo a participante, não alteram a sua situação enquanto a sociedade em si não lhes proporcionar os recursos necessários (e.g. *“eu vi, eu deparei-me com umas quantas pessoas que parece que, comportam-se como se a sociedade lhes devesse alguma coisa, como se as pessoas que estão à volta fossem obrigadas a fazer o que quer que seja”*).

Experiência enquanto sem-abrigo

A primeira experiência

Quando questionada sobre a sua primeira experiência enquanto mulher sem-abrigo, Maria refere que esta ocorreu ainda enquanto solteira. Segundo a entrevistada, aquilo que precipitou a sua primeira experiência de sem-abrigo foi o facto de o cônjuge a ter expulsado de casa no seguimento de um episódio de conflitualidade conjugal (e.g. *“Eu demorei 30/35 minutos mais ou menos, quando eu entrei em casa, tinha um papel na porta onde estive até agora podés ficar”*). Maria refere que não recorreu a outras pessoas como forma de evitar uma situação de sem-abrigo, a rua foi a sua primeira

opção (e.g. “*eu não procurei ninguém, mas depende, há pessoas que procuram o apoio de uma amiga, de alguém que conheçam, etc, eu não procurei ninguém*”).

A situação actual

No que respeita à condição actual de Maria, esta vive numa casa abandonada há 1 mês e meio aproximadamente (e.g. “*É tipo um T1, uma série de casas que entretanto ficaram abandonadas e o local onde eu estou é um T1 pronto*”). Em relação ao contexto do local onde reside, este é visto pela Maria como um local confortável (e.g. “*Está mobilado, está porreiro. Aquilo parece um condomínio fechado. Mas não tenho água, não tenho luz, tenho um colchão de casal, por acaso durmo bem, tenho cobertores, tenho edredão, tenho a roupa, calçado, carteiras e não sei quê*”).

As refeições

Relativamente aos locais onde a Maria costuma tomar as suas refeições, esta refere que costuma ir a instituições sociais de apoio a pessoas sem-abrigo (e.g. “*vou comer à casa da rua, ao coração da cidade, às carrinhas*”), onde também realiza a sua higiene pessoal, embora por questões de horários nem sempre o faça todos os dias (e.g. “*houve uma altura que vinha aqui todos os dias, agora como estou a dar voltas, a andar à sucata, nem sempre me dá o horário, porque ando a tarde toda para trás e para a frente, de manhã ainda não perguntei qual é o horário mas eu de manhã há alturas que “oh são só mais 5 minutos, depois já la vou” e acabo por adormecer, mas pelo menos dia sim, dia não venho cá tomar banho*”), assim como, em centros comerciais/café (e.g. “*Se precisar de lavar os dentes ou qualquer coisa, tenho sempre um café ou centro comercial, pronto, há sempre como me desenrascar*”). No que respeita ao tratamento da sua roupa, esta refere que uma senhora se responsabiliza pelo seu cuidado desde que a participante compre o detergente e lhe ofereça um café de vez em quando (e.g. “*agora há outra senhora que é minha vizinha que desde que eu compre o detergente e que lhe pague um cafezinho de vez em quando, lava na máquina*”).

Locais de pernoita

Relativamente aos locais de pernoita utilizados pela população sem-abrigo, a Maria aponta algumas diferenças de género. Os homens por razões de desemprego ou falta de recursos procuram locais mais isolados de forma a não serem reconhecidos pelos seus familiares ou amigos, especialmente nas primeiras vezes (e.g. *“Os homens tentam escolher sítios isolados, que é para não mostrarem, principalmente quando é a primeira ou a segunda vez que ficam numa situação de desemprego e sem recursos, que é para não mostrar à família, não mostrar aos amigos que estão mal”*), por sua vez, as mulheres sem-abrigo optam por locais mais movimentados por questões de segurança (e.g. *“as mulheres por razões de segurança tentam procurar sítios mais movimentados”*).

Ocupação do tempo

Ao analisarmos os discursos de Maria acerca da forma como ocupa o seu tempo, a mesma refere que trabalha numa sucata (e.g. *“Vivo da sucata”*) e que o seu tempo é utilizado para reflectir acerca do seu passado, não dando grande relevância ao presente, uma vez que este representa uma consequência do que aconteceu para trás (e.g. *“Pensamos muito mais no que passou do que no que está a acontecer e isto porque o que está a acontecer é consequência de um cem número de factores que vêm dantes”*), acrescentando porém, que pensa mais do que gostaria, pois pensar, na sua perspectiva, significa reviver de novo as situações, e as emoções voltam a surgir, o que não considera positivo (e.g. *“hum, temos tempo para isso, mais do que deveríamos, porque há alturas em que o pensar, o revirar essa história toda de trás para a frente, acaba por nos prejudicar mais do que nos ajuda, porque é assim, as coisas, regra geral, acontecem, isto é desagradável, naquele momento a gente não consegue perceber tudo na totalidade, por muito conhecimento que se tenha há sempre qualquer coisa que se nos escapa, por causa das emoções, é muito em cima, e por vezes as emoções são um bocado fortes, ou porque seja a morte de alguém ou a questão do divórcio”*). Por outro lado, parece que relembrar o passado representa a procura incessante de uma justificação e contribui, de certa forma, para viver (e.g. *“Quando as pessoas revivem as*

mesmas histórias há muito a procura de uma justificação lógica, outras vezes porque relembrar é viver”).

Estigma associado à condição de mulher sem-abrigo

Face à existência de estereótipos associados à população sem-abrigo, nomeadamente, face às mulheres, a Maria refere que na maioria das situações sociais, o estigma está pouco presente (e.g. *“eu não tenho dinheiro, estou desempregada, nem casa própria tenho para viver, vivo da sucata, mas eu vou beber o meu café e sou atendida da mesma forma que qualquer outra pessoa. Há 1 ou 2 cafés que se eu for a entrar lá toda suja de roupa de trabalho não se incomodam”*), contudo, em algumas situações alguns preconceitos estão patentes (e.g. *“há outras pessoas que não, são um bocado mais ríspidas”*). Na sua perspectiva, existem alguns rótulos associados às mulheres sem-abrigo como a toxicodependência e a prostituição (e.g. *“Ainda aqui há dias fui acusada de toxicodependente”*; *“Na grande maioria? Prostitutas”*), assim como preconceitos que impedem a realização de um trabalho (e.g. *“Certifica-te de que não são pessoas da rua”*; *“As mulheres têm a vida mais dificultada em termos de acesso a emprego sim”*).

A Maria refere ainda a existência de barreiras impostas pela sociedade pela sua condição de sem-abrigo e em função do seu papel enquanto mulher e ao socialmente expectável (e.g. *“Mesmo a própria sociedade vai colocando barreiras mais às mulheres do que aos homens, já não é a primeira vez que o que eu oiço dizer é arranja marido, ou então arranja um vais-me dizer que te divorciaste e nunca mais...etc, arranja um idiota qualquer que te sustente, eu cheguei a ouvir isto, a mim não me agrada, nem o meu ex-marido me sustentou”*).

Significados atribuídos à sua condição

Na construção de significados atribuídos à condição de sem-abrigo, a análise do discurso de Maria remete-nos para a existência tanto de aspectos positivos como negativos. Os aspectos positivos prendem-se com a liberdade inerente à sua condição (e.g. *“Ando a trabalhar, se chego mais tarde da sucata, chego mais tarde, ninguém me diz nada”*), pelo facto de não estar a ser vítima de violência doméstica (e.g. *“E eu*

sentia-me aliviada porque já não estava a levar nas trombas pelo menos isso), aliada a uma certa indiferença pela experiência em si, uma vez que segundo a participante, viver em casa não é muito diferente de viver em contexto de rua (e.g. “Não me faz diferença, mas também pela história de vida que tive, tudo bem que tive tudo, mas deparei-me com a ganância da família toda e a violência que vivi dentro das quatro paredes onde eu estava a viver, é que para mim é-me indiferente estar lá com melhores condições ou estar num sítio onde estou”; “eu ter saído de casa, a dada altura, eu não tinha porque ter receio, porque eu não via o mundo lá fora mais grave do que via dentro de casa”). Outro factor positivo da sua experiência enquanto sem-abrigo, prende-se com a construção de uma relação significativa com uma pessoa (e.g. “Um a única coisa que faz é acompanhar-me até ao coração da cidade onde costumamos comer, damo-nos bem e a gente vai a conversar pelo caminho, eu fico na internet e ele vai não faço a mais pequena ideia onde, pronto, está-se a tornar quase rotina”; “No dia seguinte passou por mim, eu estava no café, e quando eu vou a reparar eu tinha o meu maço de tabaco, o meu café e o bolo que eu tinha comido, pago, só porque eu o estive a ouvir, vê-se de tudo acredite”).

No que respeita aos pontos negativos atribuídos à sua condição, a participante refere que tem dificuldades em adormecer pelo facto de estar desempregada – devido ao sedentarismo, que leva a que não se canse e não tenha portanto sono à noite, mas sobretudo pelo facto de durante este período ficar a pensar na sua condição e em formas de atingir os seus objectivos (e.g. “Há alturas em que eu tenho insónias, isso pra mim já é insónias estar até às 4h/5h da manhã sem adormecer, isso acontece-me frequentemente tem a ver também com o facto de estar desempregada, que não me canso tanto fisicamente como na altura em que eu estava a trabalhar, tem a ver com o eu querer fazer isto e isto mas depois por onde é que eu começo, se vou por aqui, se vou por ali, etc, uma pessoa fica a pensar”). Segundo Maria, outro ponto negativo prende-se com a dificuldade na percepção do tempo (e.g. “há alturas em que entra uma segunda-feira, sai uma segunda-feira e a gente fica assim, bolas, já passou uma semana e eu não tinha dado conta”; “às vezes 5 minutos parece 1 hora”), assim como na gestão do mesmo, quando as perspectivas de futuro são reduzidas (e.g. “Não há perspectivas de futuro, é assim, o tempo vai passando). Maria refere ainda como aspecto negativo a banalização da opção por vias ilegítimas de obtenção de bens materiais (e.g. “a questão

é assim, e aqui já me aconteceu, eu saí e quando fui a entrar eu já não tinha rigorosamente nada mas nada, nem roupa, nem os champôs, nem coisíssima alguma, tanto que já me habituei, essa é uma das coisas desagradáveis”).

Relação com outros sem-abrigo

Relativamente às relações entre pessoas sem-abrigo, de acordo com Maria estas caracterizam-se sobretudo pela confiança já existente, ou seja, formam-se grupos de pessoas com quem já convivem há bastante tempo, (e.g. *“Na rua, quando se dirigem às vezes formam-se grupinhos, dirigem-se mais aquelas pessoas com quem convivem há bastante tempo, porque é assim, imaginemos, eu conheço-a já há uns 2 ou 3 anos, apesar de nesses 2 ou 3 anos se eu me tiver chateado consigo até podemos ter desatado ao estalo, no entanto, se eu tiver um problema é mais fácil eu ir ter consigo do que com outra pessoa”).* No que respeita às dinâmicas de relacionamento entre os mesmos, estas caracterizam-se sobretudo pela importância do silêncio como estratégia para evitar conflitos e ferir susceptibilidades e para evitar que a história possa suscitar na outra pessoa lembranças dolorosas (e.g. *“Para muitas das pessoas que vivem na rua, o silêncio é de ouro, não só evita conflitos, por más interpretações de palavras, não só, como é que eu vou explicar, não interfere com a susceptibilidade do próximo, da pessoa que está a ouvir que possa sentir-se magoado ou ofendida, porque há alturas em que eu posso estar a contar a minha vida mas a pessoa que me está a ouvir, está a lembrar-se ao mesmo tempo do que lhe aconteceu a ela que foi igualmente desagradável”),* mas também como algo que é possível porque as experiências comuns e a identificação existente assim o permite, ou seja, bastam “meias-palavras” para se compreenderem (e.g. *“há um quase silêncio, não é na totalidade, há alturas em que eu posso chegar ao pé de uma pessoa e diz-me assim “o que é que se passa, não tas com boa cara” e respondo: “o mesmo de sempre” e não precisei de dizer mais nada, o mesmo de sempre significa ou que estou com saudades dos miúdos, ou porque me estou a lembrar de algum disparate que o meu ex-marido fez”),* e não há necessidade de falar, de se justificar (e.g. *“Precisamente porque eu não preciso de falar, tu tens visto o que tem acontecido, sabes de algumas coisas porque eu já te tinha contado, e então é mais fácil eu ir ter contigo porque não preciso de me justificar, não preciso de falar”).*

Por outro lado, a Maria refere que quando a pessoa sem-abrigo é mais específica, significa que necessita de falar (e.g. *“há outras alturas em que somos mais*

específicos, quando a pessoa é mais específica conosco é porque quer falar, é porque já anda com aquilo entalado na garganta há imenso tempo e precisa de falar”). Segundo a mesma, as pessoas sem-abrigo de forma a conhecerem-se e ganharem alguma confiança, contam a sua história (e.g. “há alturas em que falamos sobre o que passou, coisas que aconteceram, isso principalmente no início para que tu possas perceber quem eu sou, o que é que me aconteceu, porquê que eu estou aqui, para saber com que tipo de pessoa estás a lidar. A partir daí há um quase silêncio”).

Características das relações entre mulheres sem-abrigo

No que concerne às características das relações com outras mulheres sem-abrigo, por um lado, Maria refere que a maioria das relações se caracterizam por alguma superficialidade, numa lógica de descomprometimento pelo outro (e.g. “*Superficial e falsa, é assim que eu iria descrever, é assim, também não são todas mas a grande maioria, se por um lado há muito “se queres desenrasca-te, porque minha cara eu também tive de me desenrascar” ou “faz-te à vida” algo assim do género*”). Por outro lado, Maria encontra mulheres com quem consegue estabelecer alguma relação significativa (e.g. “*no entanto, também há pessoas diferentes, por exemplo, eu aqui onde estou conheci uma senhora que a profissão dela é mesmo prostituta, e no entanto, eu dou-me bem com ela e já não é a primeira vez que tomamos um cafezinho as duas.*”

Características das relações com homens sem-abrigo

Ao analisarmos o discurso de Maria, as características mais evidenciadas em relação aos homens sem-abrigo, traduzem-se sobretudo pela introversão. A análise deste caso permite-nos perceber que os homens apresentam alguma dificuldade em lembrar e relatar os acontecimentos da sua vida, para não serem sujeitos a interpretações erróneas e por receio de não conseguir controlar as emoções (e.g. “*São mais reservados*”; “*há homens que também se retraem, como é o caso de este meu colega com quem já me têm visto, não gostam de falar precisamente pelas mesmas razões, porque é assim, da minha vida sei eu, eu é que sei exactamente os porquês, os se e os mas, e há coisas que eu não quero explicar porque ele chora, um homem chora só que ele não gosta de mostrar isso, gostam de se mostrar fortes*”; “*e eles próprios preferem não lembrar, preferem já passou, já passou, que se lixe, amanhã é outro dia e fazem-se de fortes*”).

Experiências de Vitimação

No que respeita a experiências de vitimação, a Maria refere a existência de alguns acontecimentos que ocorrem com alguma frequência, tais como os assaltos que na maioria das vezes são realizados por pessoas que não se encontram numa condição de sem-abrigo (e.g. *“Os assaltos é pior, é o que acontece mais vezes”*; *“regra geral também nem sempre são pessoas sem-abrigo que nos roubam, que nos fazem desaparecer alguns bens, por vezes são pessoas que têm”*); assim como os furtos (e.g. *“a questão é assim, e aqui já me aconteceu, eu saí e quando fui a entrar eu já não tinha rigorosamente nada mas nada, nem roupa, nem os champôs, nem coisíssima alguma, tanto que já me habituei, essa é uma das coisas desagradáveis”*). Outra experiência de vitimação que ocorre com alguma frequência prende-se com a questão do assédio sexual (e.g. *“tentava encostar-se, insinuações de cariz sexual, as mulheres o que se deparam vezes sem conta são com idiotas desse género”*), que tanto os homens como as mulheres estão sujeitos. A Maria diferencia o tipo de assédio sexual consoante o poder económico da pessoa, sendo que o que os diferencia refere-se à insistência do comportamento, ou seja, o assédio sexual protagonizado por pessoas com algum poder económico caracteriza-se pela desistência quando não é correspondido (e.g. *“uma pessoa que tenha uma determinada estrutura de vida mais ou menos organizada apesar de uma ou outra insinuação, ao aperceber-se que não, ou então ao levar um simples estalo pára por ali”*), o assédio sexual protagonizado por pessoas com fraco poder económico caracteriza-se pela insistência até concretizar o acto sexual (e.g. *“enquanto que os outros (...) apesar de ouvir um não, apesar de ter levado um par de estalos mais do que uma vez, continua a achar que é tudo uma questão de tempo até convencer, pronto e até que houve violência mesmo”*). A Maria refere, ainda, que a violência sexual acontece a muitas mulheres sem-abrigo e que houve momentos em que não conseguiu defender-se (e.g. *“Acontece a muitas”*; *“até que houve violência mesmo”*). Relativamente ao assédio sexual ocorrido contra pessoas do sexo oposto, a Maria refere que os homens sem-abrigo também estão sujeitos a esses comportamentos por parte de mulheres sem-abrigo e que apesar de poderem utilizar a força para a sua defesa, o exemplo que dá é o de uma pessoa que não a utilizou porque era uma pessoa formada (e.g. *“e há homens também, não são só mulheres pode ter a certeza, eu conheço um que foi, há a ideia de que os homens têm força suficiente para bater, mas um homem para bater numa mulher é*

porque já muita coisa aconteceu ou então não têm conhecimento nenhum e a pessoa que foi vítima de violência tem conhecimento e não bate numa mulher assim de qualquer maneira”).

Significado atribuído ao perigo que enfrenta

Relativamente ao perigo que a Maria enfrenta pela sua condição de sem-abrigo, esta percebe-o com alguma tolerância, pois faz um paralelismo com o que viveu dentro de casa e refere que apesar de viver situações de perigo na rua, estas não são muito diferentes das que viveu dentro de casa por pessoas da família (e.g. *“Lá está, eu fui assaltada na minha própria casa, por pessoas da família, eu fui vítima de violência dentro de casa, por pessoas da família, por isso, seja lá o que for que me aconteça aqui fora, não é em nada diferente do que me aconteceu já”*)

Estratégias utilizadas face às experiências de vitimação

A Maria refere que as estratégias mais utilizadas face aos assaltos, consistem em manter uma atitude passiva de forma a evitar conflitos (e.g. *“em que nós aquilo que fazemos é encolhermo-nos, viramos costas e saímos como se não tivéssemos visto, para evitar conflitos”*). Quanto às estratégias utilizadas face ao assédio e violência sexual, a participante refere que utiliza o uso da força (e.g. *“apesar de ter levado um par de estalos mais do que uma vez”*) e que recorreu aos serviços policiais (e.g. *“Acabei por dar participação dele”*) de forma a impedir a perpetuação destas mesmas situações.

Devido aos problemas familiares e à inexistência de uma rede de suporte, Maria refere que não confia nas pessoas, principalmente no que respeita a algum apoio face a situações de perigo (e.g. *“é o não acreditar seja lá o que for, seja a polícia, seja uma amiga, seja um colega que diga que se uma situação dessas acontecer tu diz-me que eu faço, aconteço, que dou participação não sei das quantas, eu disse tá bem, então eu aviso, eu já sei perfeitamente que não”*).

Já no que respeita à perspectiva da Maria face à intervenção policial, esta percebe-a com alguma insegurança, uma vez que fez uma participação por violência

sexual e a polícia não resolveu o assunto, o que no seu entender, faz com que a pessoa que cometeu o crime se sinta à vontade para o voltar a cometer (e.g. *“Ele próprio disse declaradamente o que tinha feito, à família, a pessoas conhecidas, admitiu perante um polícia e ninguém se mexeu, ninguém fez nada, o que lhe deu a ideia de que poderia estar à vontade e fazer tudo o que bem entendesse, não faço ideia como é que um polícia podia meter ali uns pontos nos iis, nada, eu não acredito na polícia do nosso País, um idiota desses a dizer descaradamente a um polícia o que tinha feito e ninguém se mexeu, ninguém fez nada”*), e influencia a sua percepção (e.g. *“é apenas o descrédito, literalmente o descrédito, é o não acreditar seja lá o que for”*).

6. Análise e Discussão de resultados

O presente estudo contribuiu para se conhecer e compreender os factores que podem contribuir para uma mulher viver na rua e os significados atribuídos à sua condição. De seguida, apresentaremos a discussão dos resultados que nos parecem mais significativos neste estudo empírico.

A ausência de suporte familiar pode funcionar como um factor determinante para se viver em contexto de rua, o que pode ser prejudicial para a pessoa sem-abrigo, pois esta vê a sua rede de suporte limitada pois apenas pode contar com pessoas nas mesmas circunstâncias (Pimenta, 1992 cit. Gil *et al.*, 2005). A ausência de um emprego também é apontado como um factor importante para a condição de sem-abrigo, pois sem um emprego, a pessoa sem-abrigo não consegue satisfazer todas as suas necessidades nem estar devidamente integrado na sociedade (Miguel, *et al.*, 2010). Relativamente à primeira questão de investigação - *Quais os factores precipitantes de uma situação de exclusão extrema?* – a análise do discurso de Maria permite-nos perceber que as dificuldades económicas e a ausência de suporte familiar são as razões mais apontadas pela mesma para uma situação de sem-abrigo, contudo, apesar de os motivos que podem conduzir um homem a viver na rua poderem ser semelhantes aos da mulher, os significados atribuídos por cada um face à sua situação, são distintos. Ao analisarmos os discursos de Maria, quando os homens se encontram numa situação de

desemprego, esse acontecimento tem um impacto direto, na medida em que gera nos mesmos a percepção de que não são capazes de cumprir o papel de “cuidadores / chefes de família”, de forma a corresponder às expectativas de género socialmente aceitáveis, ora, sentem-se incapazes de cumprir com o papel socialmente estipulado e essa frustração pode gerar situações de violência doméstica que pode ser consequência da frustração de não se ter um emprego mas pode ser causa para uma mulher sair de casa, na verdade, esta é a causa mais apontada por Maria para justificar a presença de mulheres na rua. Uma vez que o trabalho é um factor muito importante e ocupa a maior parte do tempo de um homem, quando este se encontra numa situação de desemprego, é como se perdesse uma parte muito importante da sua vida, de grande investimento (Pinheiro & Monteiro, 2007). Vasconcelos & Oliveira (2004, cit. Pinheiro & Monteiro, 2007) refere que um emprego provoca no homem um sentimento de importância e de integração social, sem ele o homem sente-se inadequado socialmente. A ausência de um emprego tem repercussões tanto no sujeito como no âmbito familiar (Leon & Iguti, 2003 cit. Pinheiro & Monteiro, 2007). O desemprego tem um impacto importante no tecido familiar uma vez que pode gerar conflitos e rupturas familiares (Pinheiro & Monteiro, 2007). Segundo Baptista, (1999 cit. Martins, 2007) há dois tipos de mulheres sem-abrigo. As mulheres que foram vítimas de violência doméstica e de um contexto familiar desestruturado e as mulheres mais idosas que após situações de viuvez, desenvolvem processos de solidão que podem facilitar a ida para a rua. No que concerne aos factores apontados por Maria que podem contribuir para uma mulher viver na rua, esta refere que o principal factor se prende com questões relativas a conflitos conjugais, realçando que estes são provocados principalmente por situações exigentes do ponto de vista psicológico como o desemprego. Uma situação de desemprego tem um papel bastante importante na origem dos conflitos relacionais, podendo muitas vezes conduzir a situações de violência doméstica que podem contribuir grandemente para uma mulher viver na rua. Aliás, a referência a estes episódios de violência no contexto doméstico leva mesmo Maria a de certa forma desvalorizar, no seu discurso, a vitimização de que estas mulheres são alvo no contexto da rua. Maria refere que o facto de saírem de casa representa uma forma de melhorarem a sua vida, de saírem de um contexto perigoso procurando na rua um sentido para a sua vida e uma forma imediata de alterar a sua situação. Martins, (2007, cit. Enderes-Drögasser, 2000, cit. Edgar, 2001), refere que as causas mais apontadas por mulheres para justificarem a sua presença na rua, referem-se

a conflitos conjugais como a violência doméstica, o que vai ao encontro da perspectiva de Maria. Segundo Martins, (2007) as mulheres são um grupo de elevado risco face a situações de pobreza e exclusão social, causadas pelo desemprego, o que significa que as mulheres apresentam um risco acrescido para se tornarem sem-abrigo. A participante também faz referência a situações de pobreza como factores precipitadores para uma mulher viver na rua. Segundo Martins, (2007) o desemprego e os empregos frágeis, são os principais factores que podem conduzir uma mulher à pobreza, pois sem rendimentos, não há forma de fazer face a todas as necessidades existentes. Ora, a pobreza está intimamente relacionada com fenómenos de exclusão social, pois um individuo sem recursos, apresenta-se em risco de se tornar sem-abrigo, porém, são muitos os factores que estão na origem de uma situação de sem-abrigo, não se podendo interpretar este conceito de forma linear. Existem ainda alguns factores que podem contribuir para a manutenção de situações de sem-abrigo. Segundo Gil *et al.*, (2005), as instituições que prestam o seu apoio à população sem-abrigo são vistas pelos mesmos de forma negativa, uma vez que a maioria das intervenções assenta numa lógica assistencialista ao invés de assegurar em conjunto, medidas de apoio ao emprego, habitação e a outras necessidades com que as pessoas sem-abrigo se deparam, de forma a inverter de forma eficaz e duradoura esta situação de exclusão. Através da análise do discurso de Maria, pode verificar-se que o facto de algumas pessoas sem-abrigo não terem uma rede de suporte familiar, pode condicionar a manutenção da situação, pois pressupõe uma ausência de apoios que contribui para a dificuldade em alterar a sua situação. Outro factor que pode influenciar a manutenção da condição de sem-abrigo é a percepção que se tem face ao contexto de rua. O discurso de Maria é muito marcado por uma visão quase “natural” da sua condição, pois refere que no seu contexto habitacional não estavam reunidas todas as condições necessárias para a sua integridade física e psicológica e, portanto, o contexto de rua pode surgir como uma alternativa mais positiva para o bem-estar global. Na sua perspectiva, viver em casa pode tornar-se mais perigoso do que viver em contexto de rua (e.g. *“a violência não tem a ver com o que eu vivi dentro de casa”*). Bento & Barreto (2002), referem que o contexto de rua poderá constituir-se como um factor positivo, na medida em que a pessoa sem-abrigo cria o seu próprio modo de viver e obedece às suas próprias regras e ambições. Pode verificar-se que a sua percepção face às instituições não é optimista, uma vez que devido à situação económica e financeira do País, observa uma escassez de apoios institucionais, assim

como, a ausência de flexibilidade nas políticas de intervenção, o que contribui em grande medida para a manutenção da condição de sem-abrigo, pois os recursos não são suficientes para apoiar todas as pessoas.

Relativamente à segunda questão de investigação - *Quais as significações atribuídas à vivência de uma situação de sem-abrigo?* Ao analisar o discurso de Maria, podemos encontrar tanto aspectos positivos como aspectos negativos. Os aspectos positivos prendem-se com o facto de o contexto de rua representar um espaço onde as pessoas sem-abrigo podem introduzir as suas próprias regras e viver de acordo com as suas convicções sem o controlo ou juízos de valor acerca dos seus comportamentos, além de poder representar a ausência de violência, pois, apesar de se encontrar num contexto perigoso, principalmente para uma mulher, Maria percebe este espaço como um contexto mais seguro do que a sua casa, ou seja, embora se encontre em risco de violência, o significado não é o mesmo como se fosse perpetrado por um familiar. Maria considera que apesar de por vezes sofrer de violência na rua, não tem para si a mesma amplitude que teria em contexto habitacional, onde estabelece relações de confiança e intimidade. Por fim, outro factor positivo prende-se com a possibilidade de estabelecer relações que considera positivas com outras pessoas nas mesmas condições. São sobretudo relações superficiais, onde a ida a instituições de apoio para pessoas sem-abrigo que visa a satisfação de necessidades mais básicas, constituem-se contextos privilegiados para o começo de relações interpessoais. Martins (2007), refere que as relações existentes entre as pessoas sem-abrigo se caracterizam pela superficialidade, ou seja, as pessoas sem-abrigo quase não mantêm relações íntimas entre si. Esta ideia pode ter que ver com a dificuldade que as pessoas sem-abrigo têm em confiar nos outros, o que remete para relacionamentos sem grande intimidade e proximidade. Para se compreender as relações existentes entre homens e mulheres sem-abrigo, é necessária a existência de estudos que abordem essa temática (Martins, 2007), porém, são escassos os estudos com a população sem-abrigo onde se aborde os relacionamentos entre os mesmos. No que respeita aos aspectos negativos face à condição de sem-abrigo, Maria apresenta um discurso pessimista em relação ao seu futuro, referindo que tem fracas perspectivas quanto ao mesmo e que o tempo passa sem se aperceber, dedicando-se no presente a encontrar respostas para as circunstâncias do passado e a tentar compreender os factores que despoletaram a sua condição actual. O seu dia-a-dia é preenchido com pensamentos e questões relativas ao seu passado. Thelen (2004, cit. Martins, 2007)

refere que as pessoas sem-abrigo não têm noção do tempo, vivendo apenas no presente, onde a definição de objectivos futuros é inexistente. Ao longo do discurso de Maria é visível uma necessidade em alterar a sua situação, porém, devido à sua condição e à visão negativa das instituições apresenta fracas perspectivas de futuro. Quanto aos seus objectivos futuros, Maria apresenta a necessidade de ir para fora do País e de tirar a carta de condução, o que nos remete para a dificuldade existente em determinar quais as suas prioridades e em pensar a longo-prazo. As mulheres sem-abrigo, assim como os homens, pela condição que detém, apresentam-se como um grupo de risco para sofrer assaltos. Através do discurso de Maria, a questão dos furtos a que está algumas vezes sujeita, funciona como outro aspecto negativo da sua condição. Outras experiências de vitimação que Maria refere que está frequentemente exposta prendem-se com questões relativas a assaltos que segundo a mesma, não são realizados por pessoas que se encontram numa condição de sem-abrigo, mas sim, por pessoas numa condição normativa. Esta situação pode ser explicada através do facto de a população sem-abrigo e principalmente as mulheres por uma questão de mais fragilidade, são alvos muito fáceis para sofrerem situações de violência, uma vez, que estão directamente expostas ao perigo. O assédio e a violência sexual são situações perigosas que segundo Maria ocorrem frequentemente a muitas mulheres mas também aos homens. Ao analisar o discurso de Maria apercebemo-nos da existência de dois tipos de agressores. Aqueles com algum poder económico que desistem perante a negação da vítima e aqueles com fraco poder económico que apesar de a vítima manifestar um comportamento desinteressado, não desistem enquanto não atingirem o seu objectivo. Estes comportamentos podem ser explicados pelo facto de os indivíduos com mais poder económico terem um leque mais variado de alternativas para satisfazer as suas vontades, enquanto que indivíduos com menor poder económico não têm tantas possibilidades de satisfazer as suas necessidades, e por isso, recorrem à violência como forma de atingirem as suas necessidades não tendo em conta o respeito pelo outro, por outro lado, esta situação pode ter que ver com o facto de a população com menores recursos económicos, pelo facto de não se destacarem tanto, a forma que provavelmente utilizam para sobressair e sentirem-se valorizados é através do uso da força de forma a demonstrarem algum poder e controlo. Em relação aos homens vítimas do mesmo tipo de violência, Maria manifesta um discurso de que apesar de o homem deter força física, se tiver competências e uma boa formação opta por não usufruir dessa mesma força. É

uma questão bastante pertinente para explicar o comportamento humano, pois de facto, quanto mais conhecimento o indivíduo possuir acerca de uma determinada área, mais facilmente consegue manifestar competências assertivas face a possíveis comportamentos. Relativamente às relações existentes entre pessoas sem-abrigo, estas caracterizam-se sobretudo pela confiança já existente, ou seja, as pessoas sem-abrigo relacionam-se principalmente com pessoas que já conhecem há algum tempo. A população sem-abrigo apresenta diversas problemáticas a nível relacional e social e como já estiveram expostos a tantas rupturas na sua vida a vários níveis, entre eles, familiar, profissional, relacional, apostar em novas relações, apresenta-se como uma questão a ponderar, pois existe o receio de repetir um padrão de rupturas já vivido. Uma vez que algumas pessoas sem-abrigo não mantêm relações familiares nem sociais estáveis e adaptativas, experimentam um profundo isolamento social, onde a alternativa possível passa por estabelecer relacionamentos com outras pessoas sem-abrigo (Batista, 2004, cit. Instituto de Segurança Social, 2005). No que respeita às características de relacionamento entre os mesmos, estas caracterizam-se sobretudo pela importância do silêncio, pois analisando o discurso de Maria, o silêncio é utilizado como mecanismo de defesa e de protecção face a possíveis constrangimentos ou interpretações erróneas da história de vida de cada um. O silêncio é percebido pela Maria como um recurso muito positivo e ferramenta essencial para a adaptação à sua condição. O silêncio funciona como estratégia para evitar ferir a susceptibilidade do próximo mas também como algo que só é possível porque as experiências comuns e a identificação existente assim o permite, ou seja, não são precisas muitas palavras para compreenderem o que o outro está a pensar. Pela análise do discurso de Maria, os relacionamentos existentes entre as pessoas sem-abrigo reflectem alguma empatia, compreensão e aceitação pelo sofrimento do próximo. A pessoa sem-abrigo é muitas vezes rotulada e estigmatizada pela sociedade, e essa estigmatização tem impacto negativo na forma como a pessoa sem-abrigo incorpora esse estigma, pois considera-se que o estigma é um atributo depreciativo acerca de uma pessoa (Goffman, 1982, cit. Fernandes, 2006). A mulher sem-abrigo é muitas vezes representada como prostituta e toxicod dependente. No discurso de Maria, nem sempre esta ideia corresponde à realidade.

No que respeita à terceira e última questão de investigação - *Existem semelhanças ou diferenças de género no que respeita à experiência de sem-abrigo?* - a análise do discurso de Maria aponta para algumas diferenças a vários níveis. Os factores

que podem conduzir um homem ou uma mulher a viver na rua são semelhantes, porém, a forma como cada elemento vive as problemáticas é diferente. Os locais de pernoita escolhidos por homens e mulheres diverge em função da exposição e da segurança, ou seja, os homens tendem a escolher locais mais isolados como forma de “mascarar” a sua condição face a pessoas próximas, as mulheres expõem mais a condição de sem-abrigo para se sentirem mais seguras face aos perigos a que estão sujeitas. Ora, parece que a experiência de sem-abrigo adquire diferentes significados em função do género. Face aos resultados obtidos, a experiência de sem-abrigo pode ter um verdadeiro impacto no homem, pois Maria percebe a sua situação como “libertadora”, porém, o homem necessita de passar despercebido para que os seus familiares ou conhecidos, não tenham conhecimento da sua situação, talvez por sentimentos de desvalorização pessoal e receio de represálias. Por outro lado, Martins, (2007) menciona que os locais escolhidos para pernoitar por mulheres sem-abrigo prendem-se com locais mais discretos para não serem vistas, uma vez que Maria está neste momento a viver numa casa abandonada, parece-nos que também pode funcionar não só como um factor de segurança mas também como um factor de prevenção, uma vez que se encontra num local bastante isolado. Quanto às oportunidades no acesso a um trabalho, Martins, (2007) menciona que a mulher apresenta menos possibilidades para aceder a um trabalho, o que nos conduz de imediato, a uma outra diferença no que respeita ao género, visível no discurso de Maria que se prende com o facto de considerar que as mulheres apresentam mais dificuldades para aceder a um trabalho, dada a sua condição e que a própria sociedade vai impondo mais barreiras por ser mulher. Segundo Matos, (2008) não seria esperado uma mulher viver em contexto de rua, pois está a transgredir o socialmente esperado para ela, impedindo a concretização do seu papel enquanto mulher e mãe, o que nos remete para as representações da sociedade face ao papel da mulher. Segundo Martins, (2007) as mulheres apresentam-se mais vulneráveis ao fenómeno da pobreza, pois apesar de existirem situações que possam conduzir um homem ou uma mulher a uma situação de pobreza, existem algumas especificidades de género, pois as desigualdades que a mulher está exposta no contexto familiar, nos serviços de saúde, face ao acesso ao emprego, e à formação profissional, constituem-se dinâmicas que influenciam a situação da mulher.

7. Conclusões

O presente estudo procurou compreender toda a trajectória de experiências vivenciadas por uma mulher sem-abrigo. Procurou-se aceder aos significados atribuídos por esta mulher à sua condição, contextualizando os factores que podem contribuir para uma situação de sem-abrigo e procurando perceber qual a influência da variável género no que respeita à experiência subjectiva da condição de sem-abrigo.

Fazendo uma análise global da trajectória de vida de Maria, e o que foi possível apreender com a entrevista qualitativa, verifica-se a existência de um conjunto diversificado de problemáticas e rupturas ao longo de toda a sua história. A morte de pessoas muito significativas com quem mantinha uma relação de grande proximidade, marcou a sua história, pois, as pessoas a quem a mesma podia recorrer, não estavam presentes, o que diminui a sua rede de suporte e influencia toda a sua história presente. Contextualizando de forma geral a relação de Maria com a sua mãe, esta relação caracteriza-se por uma vinculação insegura, pois, segundo Maria a mesma nunca demonstrou qualquer tipo de afecto por si, ao contrário da sua irmã. Segundo a entrevistada, a justificação que apresenta face à desvalorização por parte da mãe, prende-se com o facto de ter sido uma bebé com alguns problemas de saúde, o que no seu entender, influenciou a forma como a mãe entendia o seu papel, pois segundo a entrevistada, a mãe sentia que não estava a cumprir com o seu papel de mãe. O facto de Maria não ter tido o apoio familiar necessário contribui de algum modo para a sua condição actual, pois, se de facto existisse uma relação positiva e estruturada no âmbito familiar, provavelmente, não estaria nesta situação, pois uma rede familiar fortalecida e alargada, poderia não permitir espaço para uma exclusão tão extrema. Os resultados obtidos admitem porém, que a ausência de suporte familiar, não é o único motivo para uma mulher viver em contexto de rua. São múltiplas as situações que podem contribuir para este processo. Os factores individuais e estruturais, podem contribuir para uma condição de sem-abrigo, pois o divórcio, a pobreza, os baixos recursos económicos e o desemprego têm um importante contributo no desencadear de situações de exclusão social. Pimenta (1993 cit. Fernandes, 2006) refere que as causas para uma situação de sem-abrigo ultrapassam vivamente os factores individuais, ou seja, os factores inerentes à pessoa, porém, considera que alguns factores individuais podem condicionar uma

condição de sem-abrigo. Assim, o fenómeno de sem-abrigo deve ser visto como um todo, através de uma abordagem holística e compreensiva.

No que respeita aos principais resultados deste estudo, é possível verificar um conjunto de situações que podem contribuir para uma condição de sem-abrigo. Os factores de ordem económica aliados ao desemprego que segundo a análise dos dados, tem um papel determinante na vida de um homem, pois um emprego é visto pelos mesmos como uma forma de estar integrado, uma oportunidade de valorização das suas competências e uma forma de se sentir adaptado na sociedade, não esquecendo a influência do papel masculino para o homem e para a sociedade. Quando um homem se depara com uma situação de desemprego, que não consegue suportar todos os custos como gostaria, nem contribuir para o que é socialmente esperado, pode percepcionar a sua situação com uma total frustração que pode conduzir a conflitos familiares e relacionais que podem originar situações de violência, que contribuem de alguma forma para que uma mulher saia de casa. A mulher opta por sair de casa porque percepciona que a sua saída lhe traga benefícios e consiga uma vida melhor. Outros factores que podem contribuir para uma experiência de sem-abrigo prendem-se também com a ausência de suporte familiar como já supra referido; a pobreza também pode originar situações de exclusão social na medida em que a falta de recursos económicos pode conduzir indivíduos a sair de casa para não sobrecarregar a família ou ainda em busca de uma vida melhor, mais independente. Através da análise dos dados da entrevista, apercebemo-nos de que a pobreza tem vindo a aumentar concretamente no que respeita às mulheres, o que constituiu um factor de risco para situações de exclusão. Os factores que podem dificultar a saída de uma situação de sem-abrigo, prendem-se mais uma vez pela ausência de suporte familiar, pois se for esta a causa para uma pessoa viver na rua, as pessoas sem-abrigo deixem de confiar nas mesmas e de lhes recorrer. Um aspecto pertinente diz respeito ao facto de a entrevistada demonstrar que a rua pode ser um contexto confortável para se viver, na medida em que na sua perspectiva, viver num lar pode tornar-se mais perigoso do que viver na rua face às situações de violência a diversos níveis que viveu dentro da sua própria casa. O contexto actual do País também pode condicionar as situações de exclusão social, uma vez que há poucos recursos e cada vez mais há uma maior proporção de pessoas a necessitar de apoios institucionais, porém, é necessário continuar a apostar em políticas de intervenção, pois este fenómeno poderá ter tendência a aumentar, uma vez que a situação do país é bastante complexa.

Uma situação que também pode provocar a manutenção da condição de sem-abrigo, é o facto de os indivíduos utilizarem de forma inapropriada os recursos monetários que lhes são oferecidos, associada à dificuldade inerente em gerir os seus próprios recursos e delinear objectivos e projectos de vida exequíveis.

A primeira experiência de Maria enquanto sem-abrigo foi causada por conflitos com o cônjuge, que por sua vez, resultou no impedimento de regressar a casa. Esta primeira experiência teve um impacto negativo para si. Actualmente, Maria vive numa casa abandonada que considera bastante confortável, parece-nos que o significado atribuído à sua situação actual, prende-se com o facto de qualquer opção de vida ser melhor do que continuar numa situação de extrema violência dentro de casa. Ao contrário do que a literatura tem mencionado acerca do facto de uma mulher procurar amigos, ou conhecidos como forma de evitar uma situação de sem-abrigo (Martins, 2007), a nossa entrevistada (talvez pela ausência de suporte social), referiu que não recorreu a qualquer tipo de apoio para evitar uma situação de sem-abrigo.

Relativamente aos locais de pernoita escolhidos pelas mulheres sem-abrigo estas optam por locais mais movimentados uma vez que se encontram em risco elevado de sofrer assaltos, violência, o que se pode constituir como estratégia para fazer face à sua condição e como um factor de protecção para as mesmas, porém, Martins, (2007) refere que as mulheres optam por locais mais isolados para não serem reconhecidas. Decerto, podemos considerar as duas hipóteses, pois apesar de a entrevistada referir que os locais mais movimentados são os escolhidos por mulheres sem-abrigo de forma a protegerem-se, esta encontra-se numa casa abandonada que por si só, encontra-se longe dos olhares da sociedade. Assim, podemos considerar que as mulheres escolhem locais mais movimentados para sua segurança, porém, uma forma de se protegerem pode passar por locais mais isolados como casas abandonadas. No que respeita aos homens, estes optam por locais mais discretos de forma a “camuflar” a sua condição, pois não querem correr o risco de serem reconhecidos pelos familiares ou amigos. O preenchimento do seu dia-a-dia não é marcado por grandes alterações, existe um padrão de rotinas que se repetem, como trabalhar na sucata, ir à internet, ler e utilizar os serviços de apoio institucional. O passado é um elemento muito importante na vida das pessoas sem-abrigo, pois sem objectivos futuros e com um presente repleto de situações homogéneas, a pessoa sem-abrigo foca-se no seu passado pois foi ele que determinou o seu presente, e descuram do presente e do futuro, vivendo um dia de cada vez, sem grandes sonhos, projectos e

perspectivas de futuro. As pessoas sem-abrigo analisam o seu passado e repensam-no vezes sem conta, como forma de tentarem compreender o que correu mal, de tentarem encontrar uma lógica para a sua condição actual. Pensar e reflectir é visto como uma forma de viver, uma forma de tentar explicar os factores que levaram uma pessoa sem-abrigo à sua condição, porém, pensar também significa reviver as situações complexas por que passaram, o que também pode ser visto como um factor negativo para os mesmos.

Relativamente aos preconceitos associados às mulheres sem-abrigo, como a prostituição e o consumo de substâncias, de facto, a entrevistada confirmou a existência de alguma toxicoddependência e prostituição nas mulheres sem-abrigo, porém, não considera que seja uma característica particular das mulheres sem-abrigo, pois, no caso da nossa entrevistada, a prostituição e as dependências não são elementos que a possam caracterizar. Uma questão pertinente prende-se com as desigualdades de género no que respeita ao acesso a um trabalho, ainda hoje, é visível uma discriminação de género, que acaba por se intensificar pelo facto de ser sem-abrigo e mulher.

No que respeita à experiência vivida em contexto de rua, é pertinente como a Maria mantém sempre o mesmo discurso de que viver na rua é uma alternativa mais segura para si. Perante um conjunto de fenómenos de violência a que esteve exposta, é preferível viver como sem-abrigo, com todo o risco e perigo inerente, do que procurar outra solução para a sua vida. Uma vez que a entrevistada percepção de forma negativa o apoio institucional, as hipóteses para inverter a sua situação são escassas. É como se Maria se tivesse adaptado a todo um contexto vazio, onde o amanhã vem depois, onde não há espaço para sonhos e projectos, onde o futuro é incerto e indeterminado. Uma vez que Maria viveu com o seu cônjuge uma vida sem preocupações, onde o factor económico nunca foi um problema, a violência de que era vítima por parte do cônjuge parece ter sido determinante para perceber que aquele não era o seu lugar. O risco e o perigo iminente parecem sobrepor-se a uma vida considerada normativa, onde a ausência de tudo, se constitui uma possibilidade de vida, onde a satisfação das necessidades básicas e a adaptação aos constrangimentos do contexto de rua parecem ser suficientes, pois, é preferível sentir falta de tudo, do que ter tudo mas sentir que não tem nada.

As relações entre pessoas sem-abrigo, caracterizam-se sobretudo pela confiança já existente, ou seja, as pessoas sem-abrigo, necessitam de conhecer um pouco da outra

pessoa para também se darem a conhecer. As dinâmicas que caracterizam o relacionamento entre os mesmos, traduzem-se sobretudo pela importância do silêncio enquanto elemento central na forma como se relacionam. Utilizam o silêncio como estratégia para não falar de si, para evitar conflitos e ferir susceptibilidades e também como forma de evitar que a história possa suscitar na outra pessoa lembranças de situações idênticas. O silêncio apenas é possível na medida em que as experiências comuns e a identificação existente o permitem. Não são necessárias muitas palavras para se demonstrar o que cada um quer dizer e se têm disponibilidade para o fazer. No início de uma relação, as pessoas sem-abrigo contam um pouco da sua história de vida de forma a conhecerem-se e saberem com quem estão a lidar. Estas, são questões bastante pertinentes. A partilha do silêncio é então vista como chave de acesso para o mundo do próximo, pois a partir do momento em que as pessoas sem-abrigo não se sentem forçadas a falar, sentem mais confiança pelo próximo. Em torno destas características, os relacionamentos entre as pessoas sem-abrigo, parecem pautar-se pela empatia na medida em que se colocam no lugar do outro e apenas existe partilha do estritamente necessário. Existe pouca literatura acerca das dinâmicas que marcam as relações entre pessoas sem-abrigo, logo, seria bastante pertinente compreender melhor o comportamento das pessoas nestas condições pois parece um tema bastante pertinente e que pode contribuir para um maior conhecimento e compreensão do fenómeno. Todas estas questões parecem estar ligadas às pessoas sem-abrigo no geral, pois no que concerne aos relacionamentos com outras mulheres, o descomprometimento parece ser a principal característica das mesmas, ou seja, parece existir pouca solidariedade entre as mesmas, as relações na sua maioria, funcionam numa lógica individualista. Parece não existir o sentimento de entre-ajuda entre as mulheres sem-abrigo. Em relação aos homens, Maria apresenta um discurso que reflecte que os homens apresentam características mais introvertidas, no sentido, em que lhes é difícil falar de si, apresentam alguma dificuldade em relatar os acontecimentos da sua vida, pois receiam ser sujeitos a interpretações erróneas dos seus comportamentos, mas sobretudo, por alguma apreensão em partilhar as suas emoções. O facto de Maria não apresentar qualquer tipo de suporte social, prejudica a sua condição enquanto sem-abrigo, uma vez que em situações de necessidade, de perigo, não tem a quem recorrer. A condição de sem-abrigo apresenta-se como uma situação de elevado risco principalmente para as mulheres, uma vez que estão expostas frequentemente a experiências de vitimação tais

como os assaltos, assédio e violência sexual que segundo a mesma caracterizam-se por dois perfis diferentes. Os resultados apontam para o facto de a maioria das situações de violência serem perpetrados por pessoas que não estão na condição de sem-abrigo. Maria ressalva que não são apenas as mulheres que correm o risco de vivenciar uma experiência de violência sexual mas que os homens também correm esse perigo. Podemos diferenciar o tipo de assédio sexual consoante o poder económico da pessoa, pois enquanto que uma pessoa com um estatuto social mais elevado desiste do seu comportamento aquando a negação da vítima, uma pessoa com um estatuto social mais baixo, persiste no comportamento até atingir o seu objectivo. Apesar de Maria utilizar algumas estratégias de defesa face às situações de perigo, como adoptar uma postura activa, utilizando a força para evitar a realização do comportamento, houve situações em que o uso da força não foi suficiente e o agressor conseguiu concretizar o seu objectivo. As mulheres sem-abrigo, são sobretudo um alvo fácil face a situações de violência. Apesar do perigo a que está sujeita, a mesma percebe estes acontecimentos com alguma tolerância, pois faz um paralelismo com o que viveu dentro de casa e refere que apesar de viver situações perigosas na rua, estas não significam o mesmo que ser agredida dentro da sua casa por pessoas da família. A intervenção policial deveria ter um papel protector das pessoas vítimas de violência, contudo, o facto de serem mulheres sem-abrigo a apresentar queixa, poderá não se justificar tão emergente para solucionar o problema. Uma vez que a Maria se deparou com situações em que os serviços policiais não corresponderam às suas expectativas, percebe-os com insegurança e descrédito.

Tendo em conta os resultados adquiridos nesta investigação, pensa-se que este estudo contribuiu para alargar o conhecimento acerca da experiência de mulheres sem-abrigo, uma vez que aborda temáticas pouco desenvolvidas em Portugal.

Apesar da pertinência deste estudo, existem algumas limitações do ponto de vista do tamanho da amostra, uma vez que este estudo é composto apenas por uma mulher sem-abrigo, os resultados podem não ser representativos do fenómeno. Seria bastante pertinente a realização de estudos em que se abordasse as mesmas temáticas mas com uma amostra de maior dimensão. Estudos em que se aborde as dinâmicas existentes nas relações entre as pessoas sem-abrigo, seria uma forma pertinente de se aprofundar este tema tão complexo.

Referências Bibliográficas

- Ami, (2009). *Relatório Anual*. Lisboa.
- Arangua, L., Andersen, R., Gelberg, L. (2005). The Health Circumstances of Homeless Women in the United States. *International Journal of Mental Health*, 34(2), 62–92.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo: Metodologia de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Edições 70.
- Bento, A., & Barreto, E. (2002). *Sem-Amor, Sem-Abrigo*. Lisboa: Climepsi Editores.
- *Bíblia Sagrada*. 1996. Lisboa: Edição da Difusora Bíblica.
- Campos, C. J. G; Turato, E. R. (2009). Content Analysis in Studies Using the Clinical-Qualitative Method: Application and Perspectives. *Revista Latino-am Enfermagem*, 17(2), 259-64.
- Connett, D. F. (2010). Becoming Homeless, Being Homeless, and Resolving Homelessness Among Women. *Issues in Mental Health Nursing*, 31: 461–469.
- Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Deward, S. L., Moe, A. M. (2010). “Like a Prison!”: Homeless Women’s Narratives of Surviving Shelter. *Journal of Sociology & Social Welfare*, 1-22.
- Dykeman, B. F. (2010). Intervention Strategies with the Homeless Population. *Journal of Instructional Psychology*, Vol. 38, No. 1.

- Estivill, J. (2003). *Panorama da Luta Contra a Exclusão Social. Conceitos e estratégias*. Bureau Internacional do Trabalho, Programa Estratégias e Técnicas contra a Exclusão Social e a Pobreza, Genebra, 1-152.
- FEANTSA, (2004). *Federation Europeene d'associations Nationales Travaillant avec les sansabri*. Bruxelas.
- Fernandes, M. M. D. (2006). *Fechados no Silêncio: Os Sem-Abrigo. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais*. Universidade Aberta. Porto.
- Fischer, I. R., Marques, F. (2001) *Género e Exclusão Social*. Trabalhos para Discussão. Número 113.
- Ingram, K. M., Corning, A. F., Schmidt, L. D. (1996). The Relationship of Victimization Experiences to Psychological Well-Being Among Homeless Women and Low-Income Housed Women. *Journal of Counseling Psychology*, 43(2), 218-227.
- Instituto de Segurança Social (2005). *Estudo dos Sem-Abrigo*. Lisboa: Instituto de Segurança Social.
- Jesus, M. F., Menezes, I. (2010). A experiência de sem-abrigo como promotora de empoderamento psicológico. *Análise Psicológica*.
- Joly, L. (2007). Homeless women: trauma and abuse. *Primary Health Care*, 17(6), 1-2.
- Martins, A. M. F. (2007). As Sem-Abrigo de Lisboa. *Departamento de Ciências Sociais e Políticas (DCSP) Universidade Aberta (UA)*, Lisboa, 1-155.

- Matos, R. M. N. C. (2008). *Vidas Raras de Mulheres Comuns – Percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas*. Coimbra: Edições Almedina.
- Matos, R., & Machado, C. (Aceite para publicação). Criminalidade feminina e Construção do género. Emergência e consolidação das perspectivas feministas na Criminologia. *Análise Psicológica*.
- Miguel, M., Ornelas, J., Maroco, J. (2010). Modelo de atitudes face aos sem-abrigo em Portugal. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII): 437-450.
- Nemiroff, R., Aubry, T., Klodawsky, F. (2010). Factors Contributing to Becoming Housed for Women who have Experienced Homelessness. *Canadian Journal of Urban Research*, (19)2, 23-45.
- Nunes, L. S. (2004). Metodologia da Pesquisa Científica. Grupo de disciplinas de Saúde Pública. *Universidade Nova de Lisboa. Escola Nacional de Saúde Pública*, 1-15.
- Pereirinha, J. A., Bastos, A., Machado, C., Nunes, F., Fernandes, R., Casaca, S. F. (2007). *Género e Pobreza: Impacto e Determinantes da Pobreza no Feminino*. Versão Provisória, Sujeita a Revisão; 1-75.
- Pinheiro, L. R. S., Monteiro, J. K. (2007). Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(2), 35-45.
- Rayburn, N. R., Wenzel, S. L., Elliot, M. N., Hambarsoomians, K., Marshall, G. N. & Tucker, J. S. (2005). Trauma, Depression, Coping, and Mental Health Service Seeking Among Impoverished Women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73 (4), 667–677.

- Rodrigues, E. V., Samagaio, S., Ferreira, H., Mendes, M. M., Januário, S. (1999). *A Pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*. Sociologia, n.º 9, Porto, FLUP.
- Silva, M. R. T. (1983). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX*. *Análise Social*, (XIX), 875-907.
- Silva, N. (2010). *Os sem-abrigo*. Faculdade de Economia Universidade de Coimbra.
- Sousa, F., Almeida, S. (2001). *E se perguntássemos aos Sem-Abrigo?! Satisfação e necessidades percebidas face aos serviços num abrigo de Lisboa*, *Análise Psicológica*, 2, 299 – 312.
- Walsh, C. A., Rutherford, G. E., Kuzmak, N. (2009). *Characteristics of Home: Perspectives of Women Who Are Homeless*. *The Qualitative Report*, 14(2), 1-19.
- Ward, N. (2009). Social Exclusion, Social Identity and Social Work: Analysing Social Exclusion from a Material Discursive Perspective. *Social Work Education*, (28)3, pp. 237 – 252.
- YIN, Robert K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman. (obra originalmente publicada em inglês sob o título, Case study research: design and methods, 1989)
- Zlotnick, C., Tam, T., Bradley, K. (2010). Long-Term and Chronic Homelessness in Homeless Women and Women With Children. *Social Work in Public Health*, 25:470 – 485.

11. ANEXOS

Anexo A – Guião de Entrevista

Guião sobre a história de vida de mulheres sem-abrigo

(Machado, & Barbosa, 2011, adaptado de Matos, 2008, McAdams, Bowman, Lewis, Hart, & Cole, 1999)

I. Introdução

- Idade
- Estado civil
- Habitação actual (freguesia/ jardins; casas abandonadas)
- Usufrui de apoios sociais? Quais? (e.g. refeições, higiene, etc)

II. História de vida

- História de vida desde o nascimento até ao momento actual.
- Tópicos a explorar, caso não sejam mencionados:

Tópicos	Instruções/ exemplos de questões
Contexto familiar	<p>(estrutura do agregado, dinâmicas relacionais, ocupação dos familiares e riscos de exclusão na família)</p> <p>Com quem vivia antes de estar na rua? Qual a ocupação dos membros do agregado?</p> <p>Como era a sua relação com os familiares?</p> <p>Situações de exclusão na família?</p>

	<p>Consequências para si e para a família?</p> <p>Tem filhos? Relacionamento afectivo actual?</p>
Contexto habitacional	<p>(meio / zona de residência; grupos de pertença)</p> <p>Como era a zona onde residia?</p> <p>Como era a vizinhança? Como se relacionava na vizinhança?</p> <p>Com quem costumava estar? Tinha algum grupo de amigos? O que costumavam fazer?</p> <p>Actualmente: estas relações mantêm-se?</p>
Percurso escolar	<p>Explorar o percurso escolar do sujeito focando as interrupções e sentimentos relacionados com o contexto escolar.</p> <p>Como era a relação com a escola?</p> <p>Até que ano estudou?</p> <p>Porque abandonou a escola?</p> <p>Lembra-se de algum episódio marcante na vida escolar?</p>
Ocupações	<p>Explorar as ocupações do sujeito bem como aspectos relativos ao trabalho – motivações e interrupções.</p>

	<p>Trabalhava? Em quê? Porque foi trabalhar? Porque deixou de trabalhar?</p>
<p>Comportamentos desviantes</p>	<p>Explorar comportamentos desviantes, consumos de droga.</p> <p>Comportamentos desviantes (tipos de comportamentos, motivações, com quem, ...)</p> <p>Consumos de droga (tipos de droga, modo de aquisição, modo de consumo, contexto do consumo, tratamentos)</p> <p>Relação entre a condição de sem-abrigo e consumo de droga (Havia relação? De que tipo?)</p> <p>História de reclusão? Quanto tempo? Porque motivos?</p> <p>Envolveu-se alguma vez em actividades ilegais? Quem a acompanhava nesses momentos?</p> <p>Consumia algum tipo de substâncias? Como é que adquiria o produto? Qual o modo de consumo? Em que contextos aconteciam os consumos? Fez algum tratamento tipo de tratamento relacionado com os consumos?</p>

	<p>Havia relação? De que tipo? Algum desses comportamentos precedeu o outro? Crime para consumo?</p>
<p>Experiências de vitimação/discriminação</p>	<p>Explorar experiências de vitimação em diferentes contextos (e.g., familiar, relações íntimas, contexto laboral, contexto da reclusão, no contexto social no país de origem e em Portugal) e as experiências de discriminação (em função do género e da condição de sem-abrigo)</p> <p>Viveu alguma situação em que foi vitimizada por parte da sua família/ cônjuge/no contexto laboral/ no contexto da reclusão/ socialmente?</p> <p>Houve alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher ou devido à condição de sem-abrigo?</p>
<p>Institucionalizações</p>	<p>Abordar os diferentes tipos de instituições com as quais teve contacto.</p> <p>Esteve em alguma instituição? Onde? Durante quanto tempo? Porquê?</p> <p>Como foi a vivência na instituição?</p>

III. Experiência pessoal de sem-abrigo

- Motivos para a situação de viver na rua?
- Quanto tempo está/ esteve nesta situação?
- Alguma vez tentou sair desta situação? / Quando sentiu necessidade de sair desta situação e como o fez?
- Lembra-se da sua primeira vez na rua? O que sentiu? Pode descrevê-la?
- Alguma vez sentiu medo? O que fez para combatê-lo?
- Considera que é diferente ser homem ou mulher no que respeita a viver na rua?
- Alguma vez foi maltratada?
- Aspectos positivos e menos positivos?
- Se necessitar de ajuda a quem recorre/recorreu?

IV. Representação geral do fenómeno

- De que forma a sua experiência é convergente/ divergente com aquilo que observa nas mulheres e nos homens na mesma condição?

V. Acontecimentos significativos

- **“high point”** (cena de alegria, felicidade, afectos positivos; melhor cena da sua história)
- **“low point” ou experiência nadir** (cena de tristeza, medo, afectos negativos; pior cena da sua história)
- **Ponto de viragem** (cena em que a participante experimenta uma mudança de vida significativa)
- **Cena da exclusão social** (descrição da cena mais significativa relacionada com o tempo em que viveu na rua)

VI. Desafios

- Descrição do maior desafio da sua vida.

Anexo B – Tabela de Descrição de Categorias

Categoria	Subcategorias 1	Subcategorias 2	Indicadores
<p>1.Factores que podem contribuir para alguém viver na rua</p> <p><i>“Económico, falta de emprego e falta de suporte familiar, não existe outra explicação”</i></p>	<p>1.1. Gerais</p> <hr/> <p>1.2. Específicos do Homem</p> <hr/> <p>1.3. Específicos da mulher</p>	<p>1.1.1. Dificuldades económicas</p> <p>1.1.2. Problemas familiares</p> <hr/> <p>1.2.1. Medo de assumir responsabilidades</p> <p>1.2.2. Para não sobrecarregar a família</p> <hr/> <p>1.2.3. Busca de autonomia / independência</p> <hr/> <p>1.3.1. Violência doméstica</p> <p>1.3.1.1. A Rua como um espaço mais seguro</p>	<p>Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira aos factores que podem contribuir para alguém viver na rua</p>
<p>2.Factores que podem contribuir para a manutenção da situação</p> <p><i>“Eu ter saído de casa, a dada altura, eu não tinha porque ter receio, porque eu não via o mundo lá fora mais grave do que via dentro de casa”</i></p>	<p>2.1. Ausência de suporte familiar</p> <hr/> <p>2.2. A rua como opção de vida</p> <hr/> <p>2.3. Acomodação</p>	<p>2.2.1. Alívio</p>	<p>Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira aos factores que podem contribuir para a manutenção da situação</p>

	<p>2.4. Situação económica e financeira do País</p> <hr/> <p>2.5. Percepção negativa face às instituições</p> <hr/> <p>2.6. Dificuldades pessoais</p>	<p>2.4.1. Dificuldades no acesso ao emprego</p> <p>2.4.2. Escassez de apoios institucionais</p> <hr/> <p>2.5.1. Políticas de intervenção</p> <p>2.5.2. Morosidade dos processos</p> <hr/> <p>2.6.1. Dificuldades na gestão do dinheiro</p> <p>2.6.2. Dificuldades na definição de objectivos realistas</p>	
<p>3.A primeira experiência enquanto sem abrigo</p> <p><i>“Eu demorei 30/35 minutos mais ou menos, quando eu entrei em casa, tinha um papel na porta onde estive até agora podés ficar”</i></p>	<p>3.1. Precipitantes</p> <hr/> <p>3.2. Estratégias</p>	<p>3.1.1. Violência doméstica</p> <hr/> <p>3.2.1. A rua como 1ª opção</p>	<p>Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à primeira experiência enquanto sem-abrigo</p>

<p>4. Experiência actual de sem-abrigo</p> <p><i>“É tipo um TI, uma série de casas que entretanto ficaram abandonadas e o local onde eu estou é um TI pronto”</i></p> <p><i>“hum, temos tempo para isso, mais do que deveríamos, porque há alturas em que o pensar, o revirar essa história toda de trás para a frente, acaba por nos prejudicar mais do que nos ajuda”</i></p> <p><i>“Para muitas das pessoas que vivem na rua o silêncio é</i></p>	<p>4.1. Situação actual</p>	<p>4.1.1. Recurso a espaços inabitados</p> <p>4.1.2. Locais de pernoita</p> <p>4.1.2.1. Escolhidos pelos homens</p> <p>4.1.2.1.1. Locais isolados</p>	<p>Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira a experiência actual de sem-abrigo</p>
	<p>4.1. Situação actual</p>	<p>4.1.2. Locais de pernoita</p> <p>4.1.2.2. Escolhidos pelas mulheres</p> <p>4.1.2.2.1. Locais movimentados</p>	
	<p>4.2. Higiene</p>	<p>4.2.1. Instituições sociais</p> <p>4.2.2. Centros Comerciais</p> <p>4.2.3. Cafés</p>	
	<p>4.3. Tratamento da roupa</p>		
	<p>4.4. As Refeições</p>	<p>4.4.1. Instituições sociais</p>	

<p><i>de ouro”</i></p> <p><i>“Superficial e falsa, é assim que eu iria descrever, é assim, também não são todas mas a grande maioria, se por um lado há muito “se queres desenrasca-te, porque minha cara eu também tive de me desenrascar” ou “faz-te à vida” algo assim do género”</i></p>	4.5. Ocupação do tempo	4.5.1. O passado	
	4.6. Relação com outras pessoas sem-abrigo	4.6.1. Sobretudo pessoas que já convivem há bastante tempo 4.6.2. Importância do silêncio	
	4.7. Características das relações com outras mulheres sem-abrigo	4.7.1. Superficiais	
	4.8. Características das relações com homens sem-abrigo	4.8.1. Introversão	
	4.9. Experiências de vitimação	4.9.1. Estratégias pessoais 4.9.2. Acção / inacção 4.9.3. Assaltos 4.9.4. Furtos 4.9.5. Assédio sexual	

	<p>4.10. Estratégias utilizadas face a episódios de vitimação</p> <p>4.11. Significado atribuído ao perigo que enfrenta</p> <p>4.12. Preconceito</p>	<p>4.10.1. Percepção do suporte social</p> <p>4.10.2. Intervenção policial</p> <p>4.11.1. Alguma tolerância</p> <p>4.12.1. Dificuldades no acesso ao emprego</p> <p>4.12.2. Toxicodependência</p> <p>4.12.3. Prostituição</p>	
	<p>4.13. Significado atribuído à sua condição</p>	<p>4.13.1. Positivos:</p> <p>4.13.1.1. Sentimento de liberdade</p> <p>4.13.1.2. Ausência de violência</p> <p>4.13.1.3. Pessoa significativa</p> <p>4.13.1.4. Alívio</p> <p>Negativos:</p> <p>4.13.2. Insónias</p> <p>4.13.2.1. Sem noção do tempo</p> <p>4.13.2.2. Ausência de perspectivas futuras</p> <p>4.13.2.3. Furtos</p>	